



LAZER

para envelhecer com futuro

na Amazônia paraense

Relatório final



LAZER

para envelhecer com futuro

na Amazônia paraense

Relatório final

**“Lazer para envelhecer com Futuro em Comunidades Tradicionais
da Amazônia Paraense”**

Pesquisa do 3º Edital Acadêmico Envelhecer com Futuro

Financiamento e Apoio

Itaú Viver Mais e do Portal do Envelhecimento

Coordenação da Pesquisa

Flavio Henrique Souza Lobato

Pesquisadores(as)

Matheus Yuri de Oliveira Rosa

Ana Paula Melo de Moraes

Juliana Azevedo Hamoy

Mirleide Chaar Bahia

Colaboração

Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB)

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do
Trópico Úmido (PPGDSTU)

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA)

Universidade Federal do Pará (UFPA)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da localização da Ilha de Cotijuba, Belém (PA)	31
Figura 2 – Ruínas do antigo educandário e presídio de Cotijuba (PA)	33
Figura 3 – Pequenas embarcações (pô-pô-pô) que realizam o trajeto Cotijuba-Icoaraci- Cotijuba.....	37
Figura 4 – “Motorrere” e condutor que realiza o transporte interno de passageiros	38
Figura 5 – Mapa turístico da Ilha de Cotijuba (PA).....	40
Figura 6 – Pessoas idosas realizando atividades físicas no MMIB	61
Figura 7 – Infraestrutura urbana precária na Ilha de Cotijuba (PA)	72
Figura 8 – Idosos(as) em um passeio promovido pelo MMIB na Praia de Flexeiras	75
Figura 9 – Idosa reproduzindo uma prática de lazer do passado (pescaria)	79
Figura 10 – Mulher reproduzindo um de lazer do passado (elaboração de farinha)	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atividades/Conteúdos Culturais do Lazer	25
Quadro 2 – Cronologia da ocupação da Ilha de Cotijuba	35
Quadro 3 – Práticas de lazer que a população idosa realizava no passado.....	52
Quadro 4 – Práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba (PA) realizava..	54
Quadro 5 – Motivações das práticas de lazer vivenciadas no passado	55
Quadro 6 – Práticas de lazer atuais da população idosa de Cotijuba.....	58
Quadro 7 – Motivações para realização das práticas mencionadas como lazer	63
Quadro 8 – Práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba gostaria de realizar	67
Quadro 9 – Motivações de realização das práticas desejadas como lazer	70
Quadro 10 – Atividades de lazer e recreação de idosos.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil socioeconômico da população idosa de Cotijuba (PA).....	43
Tabela 2 – Classificação dos conteúdos do lazer da população idosa de Cotijuba	62
Tabela 3 – Locais que população idosa de Cotijuba realiza práticas de lazer.....	64
Tabela 4 – Conteúdos das práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba (PA) gostaria de realizar	69
Tabela 5 – Conteúdos das barreiras que inviabilizam as práticas de lazer entre a população idosa de Cotijuba (PA)	71
Tabela 6 – Disponibilidade, frequência e acessibilidade de espaços de lazer para idosos em Cotijuba (PA)	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIC	Associação dos Barqueiros da Ilha de Cotijuba
APA	Área de Proteção Ambiental
AROUT	Agência Administrativa do Outeiro
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CRC	Colônia Reformatória de Cotijuba
CTbel	Companhia de Transporte do Município de Belém
DAOUT	Distrito Administrativo do Outeiro
GPLAS	Grupo de Pesquisas em Lazer, Ambiente e Sociedade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICS	Instituto de Ciências da Saúde
LAENA	Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne
LBGTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Questionando, Intersexuais, Assexuais e demais orientações e identidades de gênero
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
MMIB	Associação do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém
MPPA	Ministério Público do Pará
MZAN	Macrozona do Ambiente Natural
MZAU	Macrozona do Ambiente Urbano
NAEA	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
PA	Pará
PCD	Pessoa com Deficiência
PMB	Prefeitura Municipal de Belém
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PPGCTA	Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia de Alimentos
PPGDSTU	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	Objetivos	14
1.1.1	Objetivo Geral	14
1.1.2	Objetivos Específicos	14
1.2	Metodologia	15
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	Velhices no Brasil	19
2.2	Lazer: definições e classificações	23
2.2.1	Lazer no envelhecer	26
3	A ILHA DE COTIJUBA E SEUS IDOSOS.....	28
3.1	Caracterização da ilha	30
3.2	Conhecendo as pessoas idosas de Cotijuba	42
4	VIVÊNCIAS DE LAZER D E PESSOAS IDOSAS DA ILHA	49
4.1	O lazer de antigamente	51
4.2	O lazer de hoje em dia	57
4.3	O lazer almejado: desejos de acesso a outras vivências	67
4.4	Barreiras que inviabilizam as vivências de lazer em Cotijuba (PA).....	70
5	DEVOLUTIVA: DIA DE LAZER E RECREAÇÃO NA ILHA.....	76
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROPOSIÇÕES	93
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	109
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	115
	APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM E TEXTO	118
	APÊNDICE D – ATIVIDADES EXECUTADAS.....	119
	APÊNDICE E – PRODUTOS GERADOS.....	122
	SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)	123

Introdução



O envelhecimento traz em sua chegada fatores limitantes, sejam aqueles ligados às condições ou limitações físicas, frutos da retrogênese, sejam aqueles advindos de doenças psicológicas – por vezes, decorrentes do preconceito, da discriminação e da desvalorização familiar e social da pessoa idosa. No entender de Mori e Silva (2010), quando os longevos e seus familiares não conseguem lidar com a chegada dessa fase da vida, os problemas relacionados às condições físicas, psíquicas e sociais tendem a se maximizar – sobretudo com o despertar de sentimentos de solidão, incapacidade e improdutividade. Desse modo, o envelhecimento saudável tem sido um tema muito presente nas discussões contemporâneas, destacando a importância de fatores multidimensionais que contribuam para o bem-estar da população idosa (Cardoso *et al.*, 2021).

Como forma de minimizar essas condições, a literatura científica tem apontado o lazer como uma possibilidade virtuosa de melhoria da qualidade de vida, pois é capaz de influenciar positivamente a interação social e a saúde (física, social e emocional) dessa população. De acordo com Borini e Cintra (2002, p. 571), a busca por atividades de lazer é, para muitos, “a busca pelo tempo perdido” e, para outros, uma estratégia de ocupação do tempo ocioso, a fim de retirar idosos da condição de abandono ou de solidão – uma vez que essas atividades, em especial as realizadas em grupo, possibilitam novas interações e relações sociais.

Nesse sentido, no senso comum, se associou à velhice a “idade do lazer”, por representar a geração que em tese possuiria disponibilidade para fruir vivências lúdicas de lazer (Debert, 2012). Contudo, Teles (2019) pontua que ainda há inúmeros fatores que restringem ou inviabilizam o lazer entre idosos, quais sejam: exclusão, acessibilidade, segurança, transporte etc. Desse modo, embora a velhice seja considerada como a “idade do lazer”, na prática, ela está longe de ser. Nem sempre nas cidades são oferecidos espaços e equipamentos públicos de lazer às pessoas idosas, sendo mais comum a iniciativa privada ofertá-los, e quando ofertam (Bahia, 2014; Lobato; Bahia, 2022).

Conquanto Mori e Silva (2010, p. 951) tenham afirmado que a “[...] falta de lazer [...] é um problema que afeta todas as classes sociais”, convém reconhecer que aqueles indivíduos com menores recursos financeiros são os mais prejudicados pela

carência ou interrupção de políticas públicas de lazer (Lobato, 2021). Essa problemática se complexifica no contexto rural, onde as ações governamentais necessárias para garantir esse direito social, quando existentes, são pontuais e desconectadas da realidade (Lobato; Bahia, 2023). Assim, as vivências de lazer das velhices rurais permanecem praticamente inexploradas, o que representa uma lacuna significativa no processo de envelhecimento saudável. Do ponto de vista da saúde, isso resulta em grandes perdas, visto que práticas de lazer tendem a contribuir para a prevenção e o tratamento de enfermidades que acometem a velhice (Balbé *et al.*, 2018; Lima; Cardoso, 2019).

Diante disso, esta investigação nasce do entendimento de que, em diversas Comunidades Tradicionais da Amazônia Paraense, o lazer de pessoas idosas é negligenciado e subestimado, pois a escassez de estudos e ações públicas sobre esse tema em específico é uma realidade recorrente. Assim, ao se considerar a importância de investigar as dinâmicas de lazer em um contexto importante em diversidade cultural, buscou-se responder às questões a seguir: 1) quais foram e são as vivências de lazer da população idosa de comunidades tradicionais? 2) qual a importância do lazer no processo de envelhecimento nessas comunidades? 3) quais práticas de lazer esses idosos gostariam de vivenciar? E 4) quais são as barreiras que dificultam o acesso dos idosos a atividades de lazer desejadas?

No que concerne à orientação teórica, no que se refere à concepção de lazer, assume-se a posição de Gomes (2014), que entende o lazer como uma dimensão da cultura conformada pelo tripé: ludicidade, manifestações culturais e o tempo/espacço social. Por entender que a história mostra como o lazer perpassou por mudanças de acordo com o tempo/espacço e as culturas, se considera que não há um lazer universal – muito embora o capital e as diferentes práticas cooptadas por ele tentem impor formas convencionais (Lobato, 2021; Lobato; Bahia, 2022; Lobato; Hamoy; Bahia, 2022). Ademais, as atividades de lazer serão investigadas também com base na classificação de conteúdos culturais proposta por Joffre Dumazedier (1979), as quais são: 1) físicas; 2) manuais; 3) intelectuais; 4) artísticas e; 5) sociais. Além das atividades 6) turísticas, pontuadas por Camargo (1989), e das 7) virtuais, de Schwartz (2003).

A relevância desta proposta é baseada na urgência de reconhecer e valorizar as experiências de lazer no envelhecer, pois, muitas vezes, são invisibilizadas em pesquisas sobre a população idosa em comunidades rurais. Percebe-se, pois, uma tradição acadêmica que foca tão somente em questões voltadas à saúde, como se essa população não fosse ativa, produtora de cultura e merecedora de lazer. Essa abordagem reduz a complexidade das vidas dos idosos, ignorando seu papel como agentes sociais que contribuem para a manutenção e a renovação das práticas culturais e comunitárias, além de subestimar o lazer como uma necessidade humana e um direito social que se mostra fundamental para o longeviver. Dessa maneira, se pretende não apenas responder a perguntas específicas, mas também contribuir para um entendimento mais profundo do papel do lazer na vida dos idosos em contextos culturalmente diversos. Portanto, este projeto visou, além de evidenciar uma lacuna crítica no entendimento das necessidades e aspirações de velhices nesses contextos, gerar *insights* capazes de promover políticas públicas de lazer a essas populações.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar as vivências de lazer do passado e atuais da pessoa idosa em Comunidades Tradicionais na Amazônia Paraense (na Ilha de Cotijuba) e sua importância para a promoção da interação social e do envelhecimento saudável.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Conhecer as práticas de lazer vivenciadas no passado e no presente pela população idosa de Cotijuba, e sua importância para um envelhecimento saudável;
- Identificar práticas de lazer que pela população idosa de Cotijuba gostaria de vivenciar;
- Analisar as barreiras que dificultam ou impedem o acesso dos idosos a determinadas práticas de lazer desejadas, considerando fatores contextuais, sociais e individuais.

1.2 Metodologia

Metodologicamente, a pesquisa partiu de uma abordagem mista: quantitativa e qualitativa, embasada nas contribuições de importantes autores da metodologia científica, como Marconi e Lakatos (2011), Prodanov e Freitas (2013) e Severino (2007). Essa combinação de abordagens oportunizou, além da complementaridade de dados numéricos e subjetivos, uma maior compreensão das questões investigadas no âmbito do Projeto de Pesquisa “Lazer para Envelhecer com Futuro em Comunidades Tradicionais na Amazônia Paraense”, aprovado no 3º Edital Acadêmico de Pesquisa do Itaú Viver Mais em parceria com o Portal do Envelhecimento. O projeto, como retrodito, buscou investigar as práticas de lazer vivenciadas pela população idosa da Ilha de Cotijuba (PA), assim como os desejos e as barreiras do acesso ao lazer.

Sobre as técnicas de investigação, o estudo foi dividido em dois momentos. Primeiramente, realizou-se pesquisa bibliográfica para a identificação, a seleção, a revisão e a análise da literatura existente acerca do envelhecimento e do lazer (Marconi; Lakatos, 2011; Severino, 2007). No segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo, uma vez que é uma técnica que envolve a observação direta e a interação com o ambiente e os sujeitos estudados. Ela buscou obter informações para uma compreensão mais profunda e contextualizada do objeto de estudo (Gerhardt; Silveira, 2009).

A pesquisa de campo ocorreu com a aplicação de um questionário, de forma individual, junto a 57 idosos residentes da Ilha de Cotijuba (PA). A escolha dessa ilha como *lócus* de estudo foi pautada em critérios que consideram a diversidade geográfica, cultural e socioeconômica da Amazônia Paraense. Cotijuba, pois, é um espaço insular onde vivem pessoas originárias de comunidades tradicionais, especialmente os povos das águas.

Em relação ao instrumento de coleta de dados (questionário), este contou com questões que abordavam o perfil socioeconômico, as vivências de lazer no/do passado, as vivências de lazer nos dias atuais, as vivências de lazer que gostariam de ter, as barreiras que inviabilizam vivências de lazer, entre outras questões. Para além da aplicação do questionário, utilizou-se, também, observações diretas,

conversas informais e registros fotográficos, a fim de complementar os dados coletados e compreender de forma mais abrangente as práticas de lazer realizadas pelas pessoas idosas da ilha.

Com base nos dados obtidos e como compromisso ético, acadêmico e social, foi realizada uma ação denominada “Dia de Lazer e Recreação na Ilha”. A intervenção foi construída e realizada por meio de dinâmicas, jogos e brincadeiras, a qual proporcionou momentos de diversão, interação social e bem-estar aos idosos, permitindo-lhes rememorar suas experiências de lazer do passado. Destaca-se que o questionário somente foi aplicado após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Autorização de Imagem, Som e Texto pelos participantes. Ademais, é de suma importância mencionar que a pesquisa contou com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pará (UFPA) para a sua realização, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de nº 80373724.6.0000.0018.

Por fim, em relação aos dados coletados, os quantitativos foram sistematizados e analisados a partir do Programa *Microsoft Office Word* 2016, por meio da estatística descritiva, identificando padrões e relações entre as variáveis. Na análise qualitativa, foram empregados alguns princípios da técnica de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016) – o que permitiu a categorização, com base na recorrência, e a interpretação dos dados com base na discussão teórica.

Referencial teórico



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



2.1 Velhices no Brasil

O envelhecimento, de acordo com Anna Fontes e Beltrina Côrte (2023), é um processo natural, gradual e contínuo que todos os seres vivos experimentam ao longo de suas vidas. Atualmente, o Brasil enfrenta um fenômeno sem precedentes na história: o rápido envelhecimento da população, impulsionado pelo aumento da expectativa de vida. Este processo é configurado por vários fatores, como genética, estilo de vida, ambiente, e acesso a cuidados de saúde e educação, começando desde o nascimento. Com o passar do tempo, o corpo passa por mudanças e adaptações que afetam tanto o organismo quanto a rotina diária, resultando em novas necessidades ao longo do envelhecimento.

As velhices são plurais, algumas pessoas envelhecem de maneira mais saudável e ativa do que outras. Algumas pessoas envelhecem de maneira mais saudável e ativa do que outras. Enquanto algumas aceitam bem as mudanças naturais que ocorrem nessa fase da vida, outras podem ter dificuldades de adaptação, influenciadas por estigmas sociais sobre o envelhecimento. No entanto, gradativamente, isso tem se modificado, à medida que a expectativa de vida¹ aumenta e se valoriza uma longevidade com dignidade, respeito e liberdade (Fontes; Côrte, 2023).

No Brasil, a partir dos dados divulgados pelo último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), se constata um aumento significativo da população idosa brasileira em relação ao Censo anterior (IBGE, 2010). Entre 2010 e 2022, o País registrou um aumento de 39,8% na população com 60 anos ou mais, passando de 20,5 milhões (10,78% da população total) para 31,2 milhões (14,7% da população total). A concentração da população idosa é mais pronunciada nas regiões Sudeste (16,6%) e Sul (16,2%), enquanto o Norte tem a menor proporção de idosos (9,9%). Dentro de suas regiões, estados

¹ “A expectativa de vida é um dado estatístico que procura estimar o tempo que uma pessoa pode viver, com base nas condições de vida e saúde da população, em um determinado lugar. [...] Por isso, ela varia de país para país e de região para região, sendo influenciada por diversos fatores, como o acesso à educação, a recursos econômicos, condições de trabalho, saneamento, qualidade dos serviços oferecidos, hábitos alimentares, estilo de vida, entre outros. A expectativa de vida é um indicador social importante, tanto para a saúde pública quanto para a segurança social e para a avaliação do desenvolvimento socioeconômico de uma população. Trata-se de um indicador que determina a qualidade de vida da população” (Fontes; Côrte, 2023, p. 10).

como Rio de Janeiro (19,1%) e Rio Grande do Sul (18,6%) têm as maiores concentrações de idosos. Por sua vez, Roraima, com 7,7%, demonstra um perfil demográfico mais jovem, o que pode estar associado a uma migração mais recente e a taxas de natalidade mais altas.

Isso sugere que as regiões mais desenvolvidas economicamente têm uma população mais envelhecida, possivelmente devido a melhores condições de saúde, infraestrutura e qualidade de vida. Estima-se que esses aumentos e suas diferenças percentuais são resultados de avanços (ou não) na saúde pública, saneamento básico e condições de vida de cada região. Desse modo, comprehende-se que a variação regional no envelhecimento da população exige abordagens e políticas diferenciadas, considerando as especificidades de cada região, para garantir um desenvolvimento mais equilibrado e sustentável em todo o País.

Tais crescimentos, impulsionados pelo aumento da expectativa de vida, indicam que o Brasil está passando por uma transição demográfica comum em países em desenvolvimento. No início do século, a expectativa de longevidade era de apenas 34 anos; em 2000, subiu para cerca de 70 anos. A projeção do IBGE para 2060 é de uma expectativa média de 81 anos. Contudo, o aumento da longevidade e o crescimento da população idosa no Brasil trazem desafios complexos que exigem uma revisão e uma ampliação das políticas públicas atuais. Com o envelhecimento da população, torna-se essencial avaliar e propor medidas para o impacto significativo na sustentabilidade dos sistemas de previdência social. Além disso, a infraestrutura urbana precisa ser adaptada para ser mais acessível, considerando as limitações físicas que muitas pessoas enfrentam com o avançar da idade. Ademais, é primacial promover a integração social dos idosos, criando incluir programas que incentivem a participação dos idosos em atividades culturais, educativas e de lazer, além de políticas de inclusão digital que facilitem o acesso à informação e aos serviços.

Em decorrência do envelhecimento da população brasileira, emergiram nos últimos anos muitas discussões sobre a saúde dos idosos, uma vez que o objetivo não é apenas aumentar a expectativa de vida, mas também garantir uma melhor qualidade de vida. Nesse sentido, o envelhecimento, um processo cercado de temores, crenças e mitos que dificultam a participação dos mais velhos em

sociedade (Menin; Silva, 2022), precisa ser encarado como questão de saúde pública, o qual deve ser destaque em discussões de cunho científico e político (Camacho; Coelho, 2008). Para tanto, e ao se considerar que o envelhecimento é carregado por inquietudes, fragilidades e, por vezes, angústias (Palma; Schons, 2000), é de suma importância a criação de políticas públicas capazes de propiciar modos de vida mais saudáveis, que considerem além da saúde física, outros determinantes sociais em saúde.

A velhice, portanto, para além de doenças, há frequentemente desrespeito, preconceito e discriminação que conformam os chamados “idadismo”, “etarismo”, “idosismo”, “velhismo” e “ageísmo”. Essa diversidade de termos nomeiam um único ato: discriminar ou criar estereótipos, em geral negativos, para um indivíduo ou grupo com base na idade cronológica (Dórea, 2020). No dia a dia, isso se manifesta quando muitos motoristas de ônibus, por vezes, não param nos pontos para que idosos embarquem, enxergando-os apenas como mais um caso de gratuidade. Dentro do ônibus, mesmo com a lei que reserva assentos específicos para idosos ou com a nova determinação de que todos os assentos são preferenciais, muitos jovens geralmente não cedem o lugar. Em salas de aula, por exemplo, alguns colegas se recusam a incluir idosos em seus grupos de trabalho.

No senso comum, dizem que a velhice é a “melhor idade”. Mas essa é apenas uma figura de linguagem comumente utilizada para suavizar e/ou romantizar as dores que a velhice traz. Embora a Constituição Federal brasileira de 1988, em seu artigo 230, determine que “[...] a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (Brasil, 1988, s. p.), é comum observar que essa “garantia” constitucional não é vivenciada na prática, sobretudo porque muitas pessoas idosas sofrem com abandono parental, maus-tratos e exclusão social. Ser idoso no Brasil é tão difícil que, para proteger e regulamentar os direitos assegurados às pessoas idosas, isto é, com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, foi preciso criar uma lei.

A Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003, doravante Estatuto da Pessoa Idosa, entre outras várias questões, em seu art. 4º, dispõe que: “Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou

opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei”, assim como o artigo 20, da mesma lei, determina “[...] direito à educação, cultura, esporte e lazer [...]” (Brasil, 2003, s. p.). Porém, a realidade ainda se mostra muito diferente, pois nota-se que diversos velhos e velhas pelo País são negligenciados quanto à garantia desses direitos. Pereira (2016) assinala que, para viver a velhice, é indispensável que a população idosa possa dispor de políticas públicas que garantam o mínimo de condições.

No entanto, na proposição de qualquer plano, programa, projeto ou ação acerca do envelhecimento, “[...] não se pode compreender a realidade e o significado da velhice sem que se examine o lugar, a posição destinada aos velhos e que representação se faz deles em diferentes tempos e em diferentes lugares” (Palma; Schons, 2000, p. 50). Essa compreensão é importante para entender que as velhices são plurais e, portanto, são diferentes a depender do contexto no qual podem estar inseridas. Dito isso, é essencial que a academia e os entes públicos compreendam que a experiência de envelhecer não é universal nem homogênea. Pelo contrário, é modulado por fatores sociais, culturais, econômicos e históricos que variam conforme a época e a sociedade.

Na recente obra “Verbetes: Velhices Plurais” (2024), as organizadoras Beltrina Côrte e Ruth Gelehrter da Costa Lopes pontuam que “Olhar para as especificidades do envelhecer é olhar para a diversidade humana” (Côrte; Lopes, 2024, p. 1). Os textos que compõem a coletânea convidam o leitor a refletir que não há uma única velhice, mas sim diversas, e cada uma possui suas próprias subjetividades. Assim, foram tratadas das velhices pretas, periféricas, masculinas, femininas, quilombolas, ribeirinhas, indígenas, ciganas, refugiadas/imigrantes, em situação de rua, com síndromes genéticas, com deficiência, velhices LBGTQIA+, institucionalizadas e velhices rurais.

Essa perspectiva plural da velhice implica que o envelhecimento deve ser analisado em uma abordagem holística que considere como diferentes sociedades entendem e lidam com seus idosos. Afinal, em alguns contextos, os idosos podem ser vistos como fontes de sabedoria e respeito, ocupando posições de destaque na família e na comunidade. Em outros, podem ser marginalizados, considerados um peso para o sistema econômico e social, como evidenciado em comportamentos

discriminatórios e estereótipos. Para compreender a velhice, portanto, deve-se ir além da das condições de saúde biológica ou das necessidades dos idosos, é necessário considerar o papel que eles desempenham e as representações que lhes são atribuídas nas diferentes estruturas sociais ao longo do tempo. Essa análise torna-se imprescindível na formulação de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis, para garantir que o envelhecimento seja acompanhado de dignidade, respeito e qualidade de vida.

2.2 Lazer: definições e classificações

No entender de Gomes (2004, p. 138), "[...] é demasiado arriscado definir, com exatidão, o momento histórico em que o lazer se configura na sociedade ocidental". Ainda assim, a autora destaca que há uma grande controvérsia entre os pesquisadores da área. Alguns defendem que o lazer esteve presente nas sociedades mais antigas, sugerindo que ele sempre existiu. Outros, por outro lado, argumentam que o lazer é um fenômeno moderno, surgido no contexto das sociedades urbano-industriais. Nesse sentido, na obra "Lazer e trabalho", Gomes (2005) apresenta um importante panorama histórico de atividades e manifestações culturais em sociedades antigas, que podem indicar a existência de práticas de lazer nesses períodos.

O lazer, enquanto prática sociocultural, tem sido amplamente estudado, resultando em diversas definições. Parker (1978, p. 10) destaca essa pluralidade ao afirmar que "[...] há muitas formas de definir o lazer, mas a maior parte das definições inclui – separada ou integralmente – dimensões de tempo e atividade [...]" Nesse contexto, a psicóloga brasileira Ethel Bauzer Medeiros (1971, p. 3) define o lazer como "[...] espaço de tempo [dimensão de tempo] não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida [...]" Por outro lado, o sociólogo Renato Requixá (1980, p. 35) oferece outra perspectiva, descrevendo o lazer como "[...] ocupação não obrigatória [dimensão da atividade], de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social". Essas definições refletem a complexidade do conceito, que abrange tanto

a liberdade de tempo quanto a escolha de atividades que promovam o bem-estar e o desenvolvimento humano.

Por outro lado, Marcellino (1987) vai além das definições tradicionais que se restringem às dimensões de tempo e atividade. Ele propõe entender o lazer como uma forma de vivência da cultura em seu sentido mais amplo, seja por meio de práticas ativas ou experiências contemplativas. A essência do lazer, segundo esse autor, está no caráter “desinteressado” dessa vivência, ou seja, a prática do lazer não busca recompensas externas ou utilitárias; a recompensa está na própria experiência. Essa visão amplia a compreensão de lazer ao deslocá-lo do simples consumo de tempo disponível ou de atividades específicas para uma relação mais profunda com a cultura e a subjetividade. A “disponibilidade de tempo”, nesse sentido, não se refere apenas a ter tempo livre, mas a ter a possibilidade de escolha entre diversas formas de engajamento cultural, seja por prazer, interesse pessoal ou desenvolvimento subjetivo (Marcellino, 1987).

No contexto da cultura, para Dumazedier (1979), o lazer possui conteúdos culturais que são divididos em cinco: 1) manuais; 2) intelectuais; 3) sociais; 4) físicos-esportivos e 5) artísticos. Camargo (1989) acrescenta um sexto conteúdo, que seria o 6) turístico, e Schwartz (2003) apresenta o conteúdo 7) virtual, os quais estão descritos no Quadro 1. Mais recentemente, contudo, alguns autores, como Gomes (2011, 2014, 2023), têm apontado algumas limitações em relação à concepção e às categorias de Dumazedier. Entre as principais questões debatidas, Gomes (2023) ressalta que a sociedade passou por diversas transformações desde 1970 e, com efeito, não há como universalizar um conhecimento produzido em um contexto tão específico e marcado como a realidade europeia da qual Dumazedier fazia parte. Desse modo, embora as contribuições de Dumazedier sejam muito importantes, convém destacar que elas nem sempre abarcam todas as complexidades da sociedade atual, por isso é importante considerar as complementações de autores mais recentes, como Camargo (1989) e Schwartz (2003).

Quadro 1 – Atividades/Conteúdos Culturais do Lazer

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO
Manuais	Capacidade de manipulação para transformar objetos ou materiais. Como exemplos podemos citar: cuidados com a jardinagem, com os animais, ou oficinas de trabalhos manuais;
Intelectuais	Ênfase dada à experiência vivida. Busca o contato com o real, com as informações obtidas e explicações racionais, baseadas em leituras, participação em cursos livres, dentre outros;
Sociais	Procura o contato direto com outras pessoas, por meio de um relacionamento com objetivos socializantes. Busca-se o repouso, o divertimento e a informação. Exemplos: festas, bailes, bares, cafés servindo de pontos de encontro e atividades familiares;
Físico- Esportivas	Formado por práticas esportivas e demais atividades nas quais predomina o movimento ou o exercício físico. Novas relações com a natureza são buscadas, como reações às condições de trabalho e convivência nos grandes centros urbanos, ou à superação de limites do próprio corpo;
Artísticas	Composta pela beleza e encantamento, simboliza imagens, emoções e sentimentos. Abrangem todas as manifestações artísticas;
Turístico	Se busca a quebra da rotina temporal ou espacial, além do contato com novas paisagens e culturas;
Virtual	O indivíduo é capaz de navegar na rede, jogar jogos virtuais, interagir e se relacionar com outras pessoas do mundo inteiro, a partir de sua livre escolha e de suas individualidades.

Fonte: Organizado pelos autores, a partir de Dumazedier (1979), Camargo (1989) e Schwartz (2003).

Nessa direção, Gomes (2023) acredita ser necessário investir em uma concepção teórica que busque a diversificação das experiências de lazer, indo além das categorias apresentadas pelo sociólogo francês, a fim de ampliar as possibilidades de diferentes manifestações culturais existentes. Para a autora mencionada, diversificar as opções de lazer é fundamental para ampliar o leque de possibilidades e incluir diferentes interesses. Essa diversidade é uma preocupação crucial para os profissionais que atuam na área de lazer, garantindo que seus planejamentos não se limitem a um único tipo de atividade ou interesse. Caso contrário, corre-se o risco de excluir aqueles que não se identificam com essa escolha específica (Gomes, 2019).

2.2.1 Lazer no envelhecer

Historicamente, associou-se à velhice a “idade do lazer” (Debert, 2012), por representar a geração que, em tese, possui disponibilidade para fruir, ludicamente, de momentos, espaços e práticas capazes de despertar sentimentos, estimular a criatividade e possibilitar o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social, como diria Dumazedier (1979). Essa ideia é reforçada, de conformidade com Silva, Kushano e Ávila (2008), em face de a velhice ser um momento da vida em que as pessoas, pela diminuição de obrigações profissionais, são “privilegiadas” com um maior tempo livre. Ademais, do ponto de vista da saúde, a literatura que se ocupa da temática tem destacado que a atividade física periódica contribui com a prevenção e o tratamento de uma multiplicidade de enfermidades que acometem o corpo humano, principalmente durante a velhice (Balbé *et al.*, 2018; Lima; Cardoso, 2019; Souza; Matos, 2015; Teles, 2019).

Com o crescimento demográfico dos idosos, há a emergência e a urgência em ofertar novos e revitalizar antigos espaços públicos para fomentar a prática de exercícios físicos e práticas de lazer nas cidades (Fonseca; Nóbrega, 2012). A existência de espaços públicos é de suma importância, pois oportuniza e potencializa, sobretudo à população idosa, tecer e solidificar relações sociais em meio a diferentes práticas de lazer e sociabilidade (Figueiredo, 2008). Contudo, o estudo de Teles (2019) aponta que, mesmo nos espaços públicos geridos pelo Poder Público, há fatores que restringem ou inviabilizam a prática de atividades físicas pelos idosos, quais sejam: 1) falta de acessibilidade, 2) ausência de segurança pública, 3) ausência ou deficiência de transporte público, 4) limitações físicas do local, como falta de iluminação, pisos irregulares, falta de rampas e corrimões, 5) vandalismo.

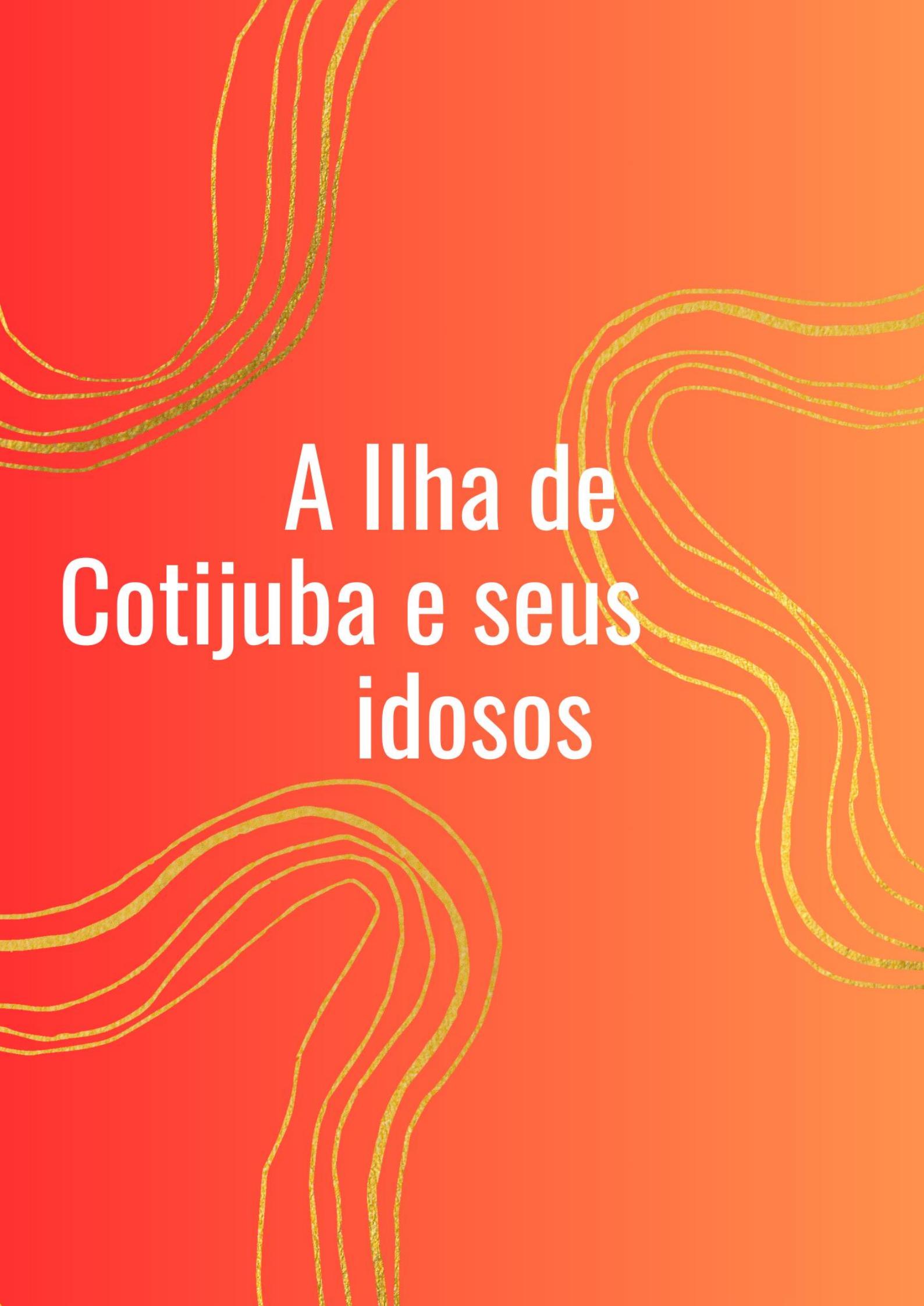
Por outro lado, Fonseca e Nóbrega (2012) também destacam que o processo de urbanização nos grandes centros está tornando as cidades gradativamente saturadas e mercadológicas, uma vez que o crescimento provoca a especulação imobiliária e a diminuição dos espaços verdes e de lazer. Nesse cenário, a população, sobretudo a mais idosa urbana, tem seus espaços para descanso e

divertimento mais restritos, o que gera o desinteresse em atividades físicas e, futuramente, o sedentarismo em idosos (Souza; Matos, 2015).

O lazer, historicamente, está associado ao tempo da “folga do trabalho” (Camargo, 1989), isto é, momento destinado à diversão, ao extravasar da tensão e/ou à recuperação da energia. Porém, entre essas denominações, o lazer está associado à “perda de tempo” (Souza; Matos, 2015), visto como algo supérfluo e pura e simplesmente uma atividade de *status* social. Nessa perspectiva, segundo Fonseca e Nóbrega (2012), o lazer enquanto fenômeno mostra-se como uma saída preciosa para o desenvolvimento pessoal e social dos idosos, visto que nessa fase da vida esses indivíduos por vezes estão predispostos a limitações físicas e psicológicas.

Os centros de convivência, na contramão disso, ao oferecerem atividades de lazer para pessoas idosas, promovem hábitos mais saudáveis e incentivam sentimentos de felicidade, solidariedade e convivência. Além disso, as atividades de lazer podem auxiliar na redução do uso de medicamentos no tratamento de diversas doenças. Um estudo de Lima e Cardoso (2019), realizado com 204 idosos com diabetes tipo 2 em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, concluiu que a prática de atividades físicas de lazer contribuiu para a redução de dores e diminuição de quedas entre os participantes.

Nesse cenário, o lazer, muitas vezes subestimado e visto como futilidade, tem se mostrado um espaço/tempo importante para combater, além de enfermidades, o processo de abandono e solidão que muitas pessoas idosas enfrentam na ilha. Especialistas têm apontado o lazer como um elemento fundamental para a qualidade da saúde mental, destacando inclusive prejuízos causados pela sua ausência. Seja a partir da prática de esportes, seja de festas e celebrações com amigos e familiares, o lazer, metaforicamente, pode ser um verdadeiro “antídoto” contra o desgaste das obrigações e dos problemas cotidianos que “envenenam” o emocional de pessoas idosas (Hadi; Bakker; Häusser, 2021; Barata *et al.*, 2024).



A Ilha de Cotijuba e seus idosos



3.1 Caracterização da ilha

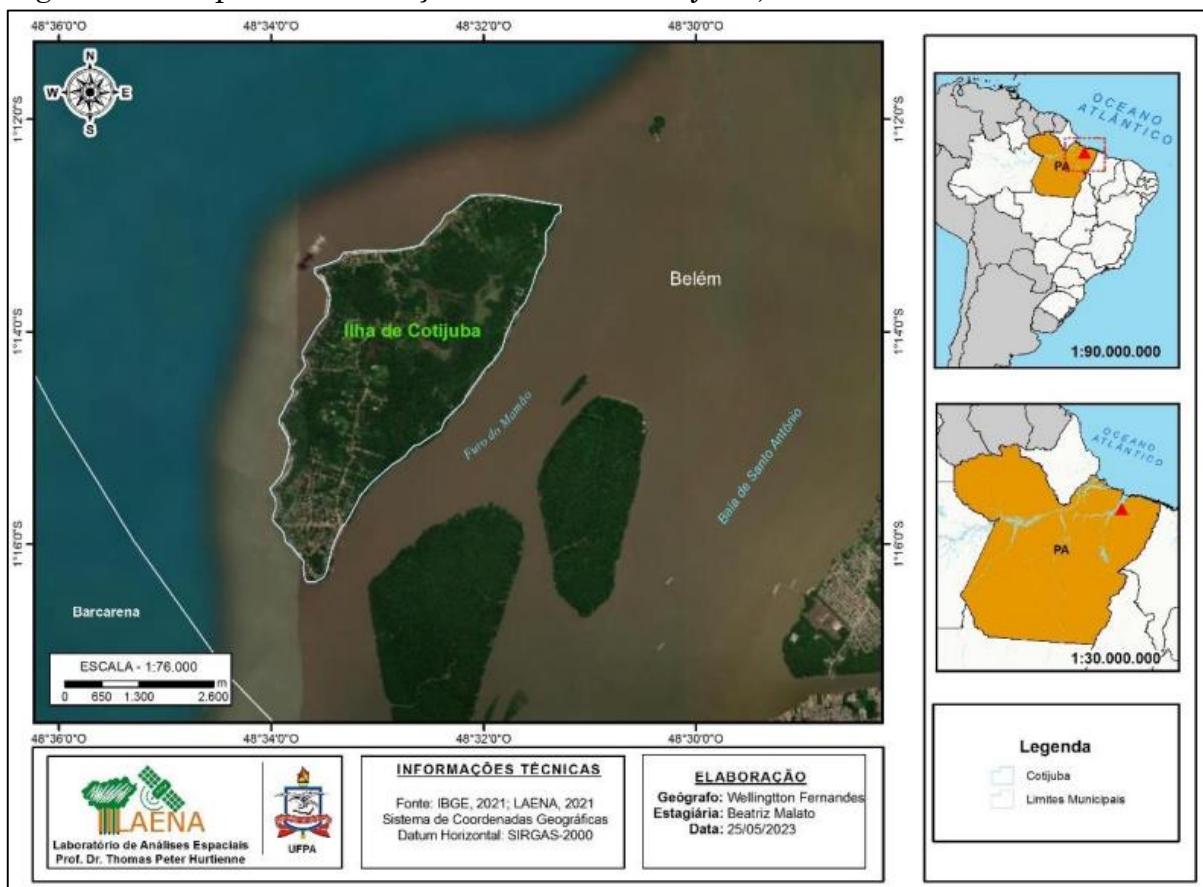
A pesquisa está sendo realizada na Ilha de Cotijuba, na cidade de Belém, Estado do Pará, a qual é conhecida por ser um dos principais destinos turísticos da região. O nome Cotijuba tem origem na língua indígena Tupi-Guarani, e significa “Trilha Dourada” – remetendo à coloração característica do solo arenoso da ilha (Silva; Almeida; Gama, 2021). A localidade possui uma área de aproximadamente 16 km², o que corresponde à terceira maior extensão territorial entre as ilhas que compõem o arquipélago belenense. Além disso, Cotijuba conta com uma costa que abrange 15 km de praias fluviais (Brito *et al.*, 2020; Nahum *et al.*, 2015). Localizada no extremo oeste do município de Belém, na confluência das Baías do Marajó e do Guajará (Figura 1), Cotijuba é vinculada ao Distrito Administrativo do Outeiro (DAOUT), de acordo com o que estabelece a Lei Municipal 7.682/1994 (Belém, 1994), e está subdividida pelas Macrozonas do Ambiente Urbano (MZAU)² – zonas oeste e sul, e do Ambiente Natural (MZAN) – zonas norte e leste, conforme a Lei 8.655/2008 (Belém, 2008).

Em uma perspectiva histórica, o início do século XX é marcado, na história de Belém, com a decadência do ciclo da borracha. Com efeito, entre as heranças deixadas após o declínio desse período, houve o aumento significativo da criminalidade e da violência na cidade de Belém – com a intensa participação de jovens em atos ilícitos (Seabra, 2020). Com a diminuta existência de dispositivos normativos destinados a esse tipo de ocorrência, bem como de locais especializados em “recuperar” esses jovens, o então governador do Pará, Major Magalhães Batata, autorizou a construção do local, idealizado pelo desembargador Raimundo Nogueira de Faria, que abrigaria os menores infratores da cidade. A Colônia Reformatória de Cotijuba (CRC), inaugurada em 1933, objetivava “[...] educar, profissionalizar e ressocializar crianças e jovens, entre 8 e 18 anos, do sexo masculino, que tivessem algum tipo de problema familiar, financeiro ou que por

² A MZAU “[...] corresponde às áreas urbanizadas do território, situando-se predominantemente na porção continental e em parte das ilhas de Caratateua, Mosqueiro e Cotijuba [...]. A MZAN, por sua vez, “[...] corresponde às áreas não urbanizadas das ilhas de Caratateua, Mosqueiro e Cotijuba, às demais ilhas do Município em sua totalidade, e a Área de Proteção Ambiental dos Mananciais de Abastecimento de Água de Belém (APA-Belém)” (Belém, 2008, p. 45-46).

qualquer motivo fossem presos pelos policiais da capital paraense” (Seabra, 2020, p. 50).

Figura 1 – Mapa da localização da Ilha de Cotijuba, Belém (PA)



Fonte: Elaborado por LAENA/NAEA/UFPA (Meguis, 2024, p. 70).

Como resultado da construção da CRC, ocorreu o primeiro aumento populacional de Cotijuba, que, além do crescimento do número de moradores, passou por um preliminar processo de urbanização, com a instalação de novas estruturas e prédios públicos, tais como: pavimentação de ruas, colocação de luz elétrica, construção de escolas, igrejas e postos de saúde e de policiamento, que tiveram como mão de obra os jovens internos da colônia (Seabra, 2020). Durante a década de 1940, após mudança administrativa, a colônia reformatória foi transformada em educandário³, que continuou funcionando com o mesmo objetivo

³ Ao longo dos anos, essa instituição recebeu nomes: Colônia Reformatória de Cotijuba (1933-1945); Educandário Magalhães Barata (1945-1951); Educandário Monteiro Lobato (1951-1957); Educandário Nogueira de Faria (1957-1968); e Colônia Penal Nogueira de Faria (1968-1978) (Melo, 2010; Pereira, 2019; Seabra, 2020).

(Seabra, 2020). Em 1945, a chegada de imigrantes japoneses à ilha trouxe novos conhecimentos agrícolas para os educandos. Anos depois, em 1951, esses imigrantes estabeleceram a Cooperativa Mista de Cotijuba Ltda. (Pereira, 2019).

A partir do período de transição administrativa, houve um declínio significativo na instituição, culminando no encerramento de suas atividades no final da década de 1960 (Melo, 2010). Com o fechamento do espaço como educandário, os menores que faziam parte do grupo de internos foram transferidos para outras instituições de Belém, como a Escola Salesiana do Trabalho (Seabra, 2019) e a Escola Estadual Lauro Sodré (Seabra, 2020), ou devolvidos para suas famílias (Melo, 2010). Em 1968, foi construída uma penitenciária na ilha, que coexistiu por certo tempo com o educandário. Anos depois, o educandário foi extinto, transformando a ilha em um presídio que abrigava condenados e presos políticos, adultos e menores, em um sistema penal violento e arbitrário (Pereira, 2019).

Posteriormente, entre 1968 e 1978, o prédio assumiu a função de presídio masculino, abrigando tanto condenados quanto presos políticos, submetidos a um sistema penal violento e desumano, o que gerou problemas como fugas e afogamentos de presos durante a década de 1970. Esse contexto, somado a construção da Penitenciária Estadual de Fernando Guilhon, em Americano, em 1977, levou ao fechamento da Colônia Penal de Cotijuba em 1978 e ao consequente abandono do espaço⁴. O prédio deu à Ilha Cotijuba o *status* de “Ilha Presídio” ou “Ilha do Diabo” e, por essa razão, se criou um estigma que por muitos anos manteve a sociedade belenense do continente distante da ilha. De acordo com populares de Cotijuba, em 2005, faleceu o último “preso da ilha”. No entanto, ainda vive nessa localidade um antigo aluno do educandário, guardando as memórias desse tempo. Mesmo em estado de abandono, as ruínas desse prédio (Figura 2) se tornaram um dos principais cartões postais de Cotijuba, devido à sua localização na entrada e saída da ilha.

⁴ Assim como os menores internos da CRC, após o fim das atividades do educandário, foram transferidos para instituições de ensino em Belém, os presidiários foram realocados para o Complexo Penitenciário de Americano – Penitenciária Fernando Guilhon. O complexo penitenciário está localizado na cidade de Santa Izabel, a qual compõe a Região Metropolitana de Belém (RMB) (Seabra, 2019).

Figura 2 – Ruínas do antigo educandário e presídio de Cotijuba (PA)



Fonte: Registro do autor (2024).

A ocupação inicial de Cotijuba, baseada na presença do Educandário Dr. Nogueira de Faria foi importante para um rápido desenvolvimento espacial, tendo em vista que, como retrodito, a instituição promoveu uma demanda por infraestrutura básica, como prédios de instituições públicas, moradias e vias de acesso a outros pontos da ilha. O fluxo de habitação mais expressivo da ilha possui uma relação direta com a metropolização do município de Belém – especialmente em meados de 1960, momento em que ocorreram aberturas de rodovias e a ligação de outras cidades à capital (Pereira; Tavares, 2020). Atrelada à reestruturação urbana de Belém, estavam os moradores com menor poder aquisitivo que migraram para as “baixadas”, presentes nas áreas centrais de Belém, e para os novos vetores de expansão, o que remodelou a forma espacial da capital e incorporou localidades rumo a esses locais (Trindade Júnior, 1998). É nesse contexto que as ilhas, como Cotijuba, são incluídas nessas modificações ocorridas

na metrópole, cada uma com suas particularidades (Guerra, 2004; Pereira; Tavares, 2020). Convém salientar que Belém possui 65,64% da sua extensão territorial composta por ilhas e apenas 34,36% é referente a porção continental. As ilhas detêm uma relação intensa com o continente em razão de serem os locais de origem de produtos que abastecem o mercado local, a partir do grande uso de portos dispostos na orla da cidade (Pereira, 2019).

Nesse cenário, com o fim das atividades do presídio e o início da atividade turística, se inicia o processo de ocupação desenfreada da ilha. No entanto, é somente após a implementação de linhas fluviais, as quais facilitaram o acesso de pessoas advindas da metrópole, que Cotijuba vivenciou uma maior reestruturação para uma realidade mais urbanizada (Pereira; Tavares, 2020). Ao analisar os primeiros meses de implantação da linha fluvial entre o Distrito de Icoaraci (Belém Continental) e a Ilha de Cotijuba (Belém Insular), Silva (2001) verificou que houve um exorbitante número de visitantes à ilha, com um incremento de 200%, segundo dados da Companhia de Transporte do Município de Belém (CTbel) – número que desconsidera a quantidade de pessoas que chegaram à ilha por meio de barcos irregulares. Segundo estimativas da época, em novembro de 1994, cerca de 20 mil pessoas frequentaram Cotijuba (Silva, 2001).

Com base nos acontecimentos apresentados, o Quadro 2 apresenta uma periodização dos marcos históricos que contribuíram para a ocupação da ilha de Cotijuba.

Quadro 2 – Cronologia da ocupação da Ilha de Cotijuba

Período	Acontecimento
Meados de 1874	Funcionou na Ilha um engenho de branqueamento de arroz e, após a sua extinção, a Ilha foi apropriada por uma senhora de nome Joana, no entanto, algumas pessoas que trabalhavam no engenho permaneceram na ilha.
1932	A Ilha foi comprada pelo Desembargador Raimundo Nogueira de Faria, Juiz da 4ª Vara de Menores.
1933	Inauguração da Colônia Reformatória de Cotijuba (CRC).
1945	A Cooperativa agrícola japonesa era composta por 18 famílias de origem japonesa, responsáveis por fornecer alimentos agrícolas para os alunos da colônia reformatória e por vender parte da produção no mercado do Ver-o-Peso. Permaneceram no local por cerca de 20 anos.
1947	A Ilha foi repassada ao Governo do Estado do Pará, período em que a Colônia passou a experimentar um processo de decadência.
1968	O Governo do Estado transformou a Colônia/Educandário em Colônia Penal, que passou a ser vinculada à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará, recebendo presidiários com alto grau de periculosidade.
1978	A Colônia Penal foi totalmente desativada, no entanto muitos remanescentes da Colônia, seus familiares e antigos funcionários, passaram a residir em Cotijuba.
1980	A Ilha começa a se firmar como um dos polos de lazer da cidade de Belém, começando assim a receber visitantes com esse intuito.
1994	A implantação da linha diária do navio de passageiros mantida pela PMB: um dos principais marcos da ocupação e visitação da ilha, pois se configura a relação diária da metrópole com a ilha com mais facilidade de acesso.
2000	Inauguração do terminal hidroviário Poeta Antônio Tavernard pela PMB: o porto muda de localidade podendo assim atracar embarcações maiores.
2005	Instalação da eletricidade na ilha: outro marco.

Fonte: Elaborado por Pereira (2019, p. 1365).

Nesse contexto, houve a implementação de diversos equipamentos gerenciados pelo poder público, “avanços” que demonstraram o espraiamento do tecido urbano e modificações espaciais e temporais dessa ilha (Pereira; Tavares, 2020). Para além disso, outro aumento no processo de ocupação da ilha se deu em 2005, com a implementação de rede de energia elétrica, momento em que se intensificou as visitações e a compra de terrenos para a construção de casas de veraneio e meios de hospedagem (Pereira, 2019). Com base no acesso a ofertas de serviços urbanos, a ilha passa por variadas alterações socioespaciais, as quais se intensificaram com o aumento da atividade turística e, conjuntamente, com a substituição de atividades agrícolas e de pesca por atividades que visam atender as demandas e os serviços do turismo local. Nesse período, Cotijuba apresenta um aumento significativo de ocupações permanentes e, também, de usos ocasionais (comumente em finais de semana e feriados).

O Poder Público em Cotijuba não acompanhou o exacerbado crescimento populacional e as constantes necessidades da comunidade. Conforme Nahum *et al.* (2015), a ilha conta com iluminação pública que não cobre todas as suas regiões, o abastecimento de água ocorre por meio de caixa d’água e/ou de poços artesanais de rasa captação, além da inexistência de variados serviços sanitários. A ilha, que segundo os moradores apresenta uma administração distrital ausente, conta com equipamentos e serviços públicos pontuais e insuficientes. Ademais, há uma constante expansão de pequenos comércios do ramo dos serviços de alimentação e atividades informais (Rodrigues, 2024), os quais se baseiam, majoritariamente, no atendimento às necessidades do fluxo turístico. À vista disso, atualmente, a ilha enfrenta inúmeros problemas infraestruturais, como acesso prejudicado à serviços básicos, vias públicas precárias, além de insuficientes instalações públicas para atender as demandas dos moradores. Tais problemas desvelam o contraste entre o potencial turístico (histórico, cultural e natural) e as condições em que a ilha se encontra, o que compromete o desenvolvimento e a qualidade de vida dos ilhéus.

O acesso é realizado por via fluvial entre o Porto Poeta Antônio Tavernard (trapiche de Cotijuba) e o trapiche do Distrito de Icoaraci (Continente), com duração de aproximadamente 45 minutos – há também a opção de outros portos da cidade, como o do Ver-O-Peso. Convém destacar que Cotijuba é a única ilha de Belém que possui transporte fluvial público regular, com capacidade para 350 passageiros, administrado pela Prefeitura de Belém a partir de uma concessão privada. Conquanto esse serviço tenha um horário fixo de funcionamento, a saber: 05h00 (sentido Cotijuba-Icoaraci); 09h00 (sentido Icoaraci-Cotijuba); 17h00 (sentido Cotijuba-Icoaraci); e 18h30 (sentido Icoaraci-Cotijuba), há opções de deslocamento por pequenas embarcações, conhecidas como “pô-pô-pô”⁵ (Figura 3), da Associação dos Barqueiros da Ilha de Cotijuba (ABIC), com o início das viagens às 05h00 e finaliza às 19h00, com partidas a cada uma hora para o acesso à ilha (Meguis, 2024).

⁵ O nome “pô-pô-pô” faz alusão ao som barulhento emitido pelos motores dessas pequenas embarcações.

Figura 3 – Pequenas embarcações (pô-pô-pô) que realizam o trajeto Cotijuba-Icoaraci-Cotijuba



Fonte: Registro do autor (2024).

Atualmente, ao chegar na ilha, o principal meio de transporte disponível para se locomover são as “motorretes” (Figura 4) – nome dado a um veículo improvisado que combina uma motocicleta com uma carroceria, capaz de transportar até oito pessoas. Esses veículos, antes, eram denominados de charretes, pois utilizam a tração animal para transportar pessoas e mercadorias. Em 2013, após denúncia apresentada ao Ministério Público do Pará (MPPA), contudo, foi revelado que animais como cavalos e burros estavam sendo submetidos a abusos e maus-tratos, incluindo o uso de chicotes e de jornadas exaustivas que eram agravadas pela subnutrição decorrente de uma alimentação inadequada. A conduta ilícita, atribuída aos condutores, violava diversos dispositivos legais em níveis federal, estadual e municipal. Como resultado, se tornou necessária a retirada dos animais dessas condições, para assegurar o cumprimento das normas de proteção, e passou a adotar motocicletas no lugar dos animais.

Figura 4 – “Motorrete” e condutor que realiza o transporte interno de passageiros



Fonte: Registro do autor (2024).

As “motorretes”, que se tornaram parte tradicional da paisagem de Cotijuba há mais de uma década, são aproximadamente cem (100) na ilha. Conforme relata Ítalo John, membro da Cooperativa de Transportes Alternativos de Cotijuba (Coopertac), a primeira “motorrete” foi idealizada por Natiel, um condutor que transportava passageiros em uma charrete e percebeu que era hora de deixar de usar tração animal e aumentar a capacidade de transporte. Após esse protótipo, outros condutores aprimoraram o veículo. No entanto, a utilização desse transporte possuía outro entrave, a proibição da circulação de veículos automotores em Cotijuba, de acordo com a Lei n.º 7.768 de 02 de outubro de 1995 (Belém, 1995). Até que, em 2022, foi sancionada a Lei Ordinária n.º 9767, de 06 de abril de 2022, que alterou o parágrafo único do artigo 1º da referida lei de 1995, passando a contemplar a autorização da circulação de “motorretes” e motocicletas de até 250cc, desde que de propriedade de moradores com residência fixa e comprovada em Cotijuba (Belém, 2022).

Apesar de Cotijuba nos últimos anos passar por transformações socioespaciais significativas, a ilha ainda possui traços fortemente rurais, caboclo-ribeirinhos, uma vez que conta com a presença de diversas comunidades que (sobre)vivem da agricultura, do extrativismo e da pesca, como as comunidades da

Fazendinha e do Poção (Huffner; Freitas, 2021; Santos, 2022). Todos esses segmentos, somados aos da atividade turística (bares, restaurantes, lanchonetes e meios de hospedagem), figuram como as principais atividades econômicas de Cotijuba – ainda que o desenvolvimento do turismo careça de desafios relacionados à precária infraestrutura da ilha, bem como à necessidade de preservação ambiental devido ao uso exacerbado das praias, à erosão e ao frequente desmatamento para a construção de novas propriedades, tendo em vista que 21,24% da vegetação total já foi degradada (Silva; Almeida; Gama, 2021).

Na produção do espaço da Ilha de Cotijuba, a comunidade, o mercado, o Estado e os turistas contribuíram e contribuem para a criação de um espaço voltado para atividades turísticas (Meguis, 2024; Rodrigues, 2024), as quais se integram e as tornam parte basilar do cotidiano ilhéu. A transformação da Ilha de Cotijuba em um destino turístico de massa é reflexo da valorização das características naturais, assim como os fatores econômico e social, que reconfiguram o cotidiano local. Dessa maneira, a crescente demanda por serviços turísticos reforça a importância de um planejamento pensado para auxiliar todos os agentes envolvidos, a fim de garantir que o turismo contribua para a qualidade de vida na ilha (Huffner; Freitas, 2021).

Na perspectiva do turismo, conforme dados da Agência Administrativa do Outeiro (AROUT) disponibilizados informalmente para a pesquisa de Huffner e Freitas (2021, p. 207), além dos 9.000 habitantes fixos, aproximadamente, a ilha chega a receber cerca de 20.000 visitantes, por fim de semana, durante o período de férias escolares e/ou feriados. Com base nesse expressivo fluxo de visitantes, a atividade turística na ilha passou a se desenvolver atrelada ao processo de metropolização de Belém, dado o aumento das relações urbanas sob a ilha (Pereira; Tavares, 2020). Por esse motivo, ainda se percebe um mercado turístico pouco estruturado, o que pode ser entendido pelo fato de o turismo na ilha ter se desenvolvido sem qualquer ordenamento ou planejamento.

Para tanto, é compreensivo o turismo desenfreado na ilha, uma vez que as praias e o contato com a natureza são potenciais turísticos que atraem inúmeros visitantes, em diferentes épocas do ano. Cotijuba conta com doze praias, quais sejam: Prainha, Farol, Amor, Saudade, Romana, Funda, Flexeiras, Vai Quem

Quer, Pedra Branca, Seringal, Poção e Fazendinha, como mostra o Mapa Turístico da Ilha de Cotijuba (Figura 5). Os bares e restaurantes da ilha também têm sua parcela de contribuição nesse fluxo, uma vez que a gastronomia é mais um dentre os tantos atrativos turísticos da ilha. No mais, em grande medida, o perfil de visitantes é de renda baixa (Huffner, 2011), o que revela que Cotijuba é um destino viável logística e financeiramente. Contudo, essa dinâmica tem se transformado, à medida que espaços *gourmetizados* (restaurantes e meios de hospedagem) são criados para atender um público de turistas com maior poder aquisitivo, a exemplo da Pousada Aldeia Cotijuba e seu restaurante, localizados na Praia Funda.

Figura 5 – Mapa turístico da Ilha de Cotijuba (PA)



Fonte: Projeto pelo MMIB e foto registrada pelo autor (2024).

Em relação aos tipos de turismo em Cotijuba, por meio de diferentes interesses e práticas, há subdivisões, a saber: turismo de sol e praia (turismo de massa), turismo de segunda residência, turismo ecológico e turismo de base comunitária (Pereira, 2019). Além das belezas naturais, nos últimos anos, o turismo da ilha vem se organizando para difundir outros espaços turísticos, gastronômicos e culturais (Figura 5), como praias menos conhecidas, restaurantes

especializados, associações culturais, entre outros espaços. Desse modo, é de suma importância a valorização e a divulgação das atividades turísticas da ilha, a fim de desenvolver os serviços lá disponíveis, sobretudo pelo fato de o turismo de massa ser, ainda, o principal fluxo turístico na ilha.

Embora o intenso fluxo de visitantes na ilha, que por vezes é realizado sem o adequado planejamento, favoreça o desenvolvimento econômico da ilha, este contribui, também, para a degradação ambiental do lugar, tendo em vista que as praias e as áreas verdes que ainda restam estão sofrendo com constante desflorestamento, poluição, erosão e degradação de habitats naturais. Para além disso, a cultura e as práticas tradicionais dos residentes da ilha têm sido profundamente afetadas, uma vez que os costumes da comunidade insular tendem a ser modificados à medida que há a necessidade de atender às expectativas dos visitantes, o que pode resultar na perda de traços elementares da identidade cultural dos moradores.

Não obstante, a urbanização, que é impulsionada pela demanda turística, acarreta em preocupantes consequências devido à expansão sem planejamento. O não acompanhamento do ritmo do constante crescimento urbano na ilha afeta a infraestrutura do local, bem como o saneamento básico, a coleta de resíduos sólidos (precário) e o abastecimento de água, além de afetar a tranquilidade e o modo de vida “lento” dos moradores da ilha, com a poluição sonora e a superlotação da ilha – o que prejudica a qualidade de vida e a saúde pública dos ilhéus. Os impactos negativos do turismo e da urbanização desenfreada, que este traz, são diversos e muito agressivos ao cotidiano da ilha.

O turismo de massa em Cotijuba causa impacto negativo direto no lazer da população local. Dado o aumento do número de visitantes, espaços que outrora eram usufruídos pelos ilhéus para contemplação, recreação e/ou convivência, como as praias, hoje, a depender do dia, podem ser sobre carregadas com a ocupação de turistas. Ademais, a infraestrutura que é desenvolvida para atender a demanda turística acarreta na transformação dos espaços que comumente eram utilizados pela comunidade, como as praias tranquilas que passam a se tornar barulhentas, superlotadas e perdem a característica de refúgio e tranquilidade que ofereciam.

Tais fatores tendem a limitar ou afastar o acesso da comunidade a esses locais, especialmente durante a alta temporada, momento em que a ilha é “invadida” por visitantes em busca de lazer. Com efeito, a comunidade vê os seus espaços de lazer sendo alterados, ou até mesmo privatizados, para atender os interesses do setor privado que trabalha com turismo, o que reduz as opções de lazer da e para a população. Desse modo, diversos moradores acreditam que o único lazer disponível em Cotijuba é atribuído aos visitantes, desvelando a perda progressiva de espaços tradicionais de recreação e sociabilidade, que, no passado, eram centrais no cotidiano da ilha.

Com base na pesquisa de campo realizada neste estudo, ao questionar os idosos da ilha sobre os espaços de lazer existentes na ilha, foram citados a praça da ilha (ponto de chegada e saída), bares e restaurantes, que são espaços convencionais de lazer, por vezes, destinados tão somente aos visitantes da ilha. Por outro lado, os espaços não convencionais desempenham um papel crucial para o lazer da população, sobretudo a idosa. Os igarapés (pouco frequentados por turistas), os quintais e as portas das casas são os principais espaços onde os ilhéus vivenciam suas práticas de lazer. Outrossim, festas comunitárias, com ou sem a presença de aparelhagens, as danças em casa, e as igrejas fortalecem laços comunitários, bem como mantêm acesas as tradições locais. Em meio ao cotidiano dos moradores, a Associação do Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB) atua como um espaço importante para a socialização de idosos em situação de abandono parental e quadro depressivo, com a realização de atividades voltadas para a educação, o empreendedorismo, a saúde e o bem-estar da comunidade idosa.

3.2 Conhecendo as pessoas idosas de Cotijuba

Como no restante do País, se constatou em Cotijuba um crescimento acentuado da população idosa, seja em virtude dos processos de envelhecimento e longevidade dos residentes, seja em razão da migração de pessoas idosas de outras regiões, que passaram a morar na ilha para fugir do ritmo acelerado da parte continental da cidade de Belém e, com efeito, buscar a calmaria dos tempos lentos dessa ambiência amazônica. Com vistas a conhecer melhor essa população, a

pesquisa buscou traçar um perfil socioeconômico a partir da amostra de 57 velhos e velhas de Cotijuba. Como resultado, 75,44% das pessoas idosas que participaram do estudo eram do sexo feminino e 24,56% do sexo masculino (Tabela 1) – convém destacar que essa diferença se deu em razão de muitos homens abordados pela ilha se recusarem a participar da pesquisa e também porque são minoria entre as pessoas que participam das atividades físicas no MMIB.

Tabela 1 – Perfil socioeconômico da população idosa de Cotijuba (PA)

Dados socioeconômicos		n	%
Gênero	Masculino	14	24,56
	Feminino	43	75,44
Autodeclaração	Branco(a)	5	8,77
	Preto(a)	17	29,82
	Pardo(a)	33	57,89
	Não soube/Não respondeu	2	3,51
Escolaridade	Analfabeto(a)	5	8,77
	Alfabetizado(a)	9	15,79
	Ensino fundamental incompleto	19	33,33
	Ensino fundamental completo	14	24,56
	Ensino médio incompleto	5	8,77
	Ensino médio completo	5	8,77
Ocupação	Estudante	0	0,00
	Autônomo(a)	26	45,61
	Aposentado(a)	17	29,82
	Desempregado(a)	9	15,79
	Não soube/Não respondeu	5	8,77
Estado civil	Solteiro(a)	21	36,84
	Casado(a)	24	42,11
	União estável	5	8,77
	Separado(a)	2	3,51
	Viúvo(a)	5	8,77
Religião	Evangélica	33	57,89
	Católica	15	26,32
	Espírita	5	8,77
	Outras	2	3,51
	Não possui	2	3,51
PCD	Não	36	63,16
	Sim	14	24,56
	Não soube/Não respondeu	7	12,28

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Sobre a autodeclaração, 57,89% do total da amostra se declarou como parda, 29,82% como preta e 8,77% como branca, demonstrando que a ilha é perfilada majoritariamente por velhices negras (pretas e pardas) originárias de povos, populações e comunidades tradicionais, ribeirinhas, indígenas e caboclas, que habitaram e/ou migraram para a ilha anos antes – seja por migrações espontâneas

ou migrações forçadas, no caso de muitos detentos que ali permaneceram após o fechamento da colônia prisional. Oliveira e Rosin (2024), ao abordarem as velhices pretas, dissertam que a população negra é exposta a altos níveis de violência e a situações adversas ao longo da vida. Primordialmente, isso é um espelho do racismo estrutural, que leva à marginalização e à exclusão social, aumentando a vulnerabilidade dessa população.

Em relação ao nível de escolaridade, 33,33% dos participantes possuíam ensino fundamental incompleto, 24,56% ensino fundamental completo, 15,79% eram alfabetizados, 8,77% com ensino médio completo, 8,77% com ensino médio completo incompleto e 8,77% não possuíam instrução formal. Esses números são reverberações da realidade de idosos que viveram nos interiores da Amazônia, onde o acesso à educação durante a juventude foi deveras limitado. Pelo menos dois fatores contribuíram para essa situação: (1) a oferta de ensino público regular era escassa ou inexistente na região; (2) muitos desses idosos, ainda na infância, precisaram abandonar os estudos para trabalhar e contribuir para o sustento de suas famílias. Instigados durante a pesquisa, muitos relataram que até conseguiram retomar os estudos na vida adulta, mas nem todos conseguiram concluir, por diversos motivos, o ensino fundamental e/ou o médio.

Em relação à situação ocupacional, 45,61% dos participantes eram autônomos, 29,82% aposentados e 15,79% eram e/ou estavam desempregados. O percentual expressivo referente aos autônomos é justificado pela predominância de empregos informais na atividade turística, uma vez que muitas idosas, por exemplo, trabalham em restaurantes, bares e pousadas de suas famílias ou de terceiros. Acerca desse dado, é possível relacioná-lo com a diminuta oferta de empregos formais na ilha, bem como com a necessidade de trabalhando, mesmo na velhice e com aposentadoria, para gerar renda extra, dado o contexto de vulnerabilidade socioeconômica vivenciado por muitos idosos em Cotijuba.

Nessa direção, outro dado que chama atenção é o baixo percentual de aposentados. Com as conversas informais, complementarmente, notou-se que muitos esqueceram, não souberam ou preferiram não responder (8,77%) que eram aposentados. Verificou-se que muitos têm receio de mencionar que recebem aposentadoria em virtude dos golpes comuns contra pessoas idosas, a exemplo da

utilização de seus nomes para realização de empréstimos. Pelos relatos, a baixa porcentagem reflete o fato de que muitos idosos/as não conseguiram contribuir regularmente para a previdência social ao longo de suas vidas ou não possuem informações suficientes requerer aposentadoria ou benefícios assistências – o que é comum em contextos de baixa instrução ou falta de oportunidades de emprego com carteira assinada.

Acerca desses dados, convém discutir que, durante o envelhecer, por mais que haja uma mudança de rotina ocorrida pelo encerramento do trabalho e advento da aposentadoria, os idosos, em especial os moradores do interior da Amazônia, estão habituados a trabalhar e/ou a realizar atividades. Nessa região, como a aposentadoria é mais difícil de ser alcançada, muitos idosos, após reduzir gradualmente suas atividades de trabalho, continuam ativos em tarefas domésticas, artesanato ou pequenos negócios, adaptando-se naturalmente à redução da capacidade física sem uma interrupção abrupta. Assim, a vida dos idosos é permeada por múltiplas tarefas cotidianas, as quais podem relacionar-se ao auxílio na subsistência alimentar, funções domésticas, entre outras (Nascimento *et al.*, 2019). Essa realidade é resultado de uma rotina que, por vezes, prioriza responsabilidades e correlaciona trabalho e lazer.

Quanto ao estado civil, a maior parte dos participantes, 42,11%, era casada – embora muitas idosas tenham relatado que possuíam essa condição apenas no papel, não vivenciado mais com o cônjuge há muitos anos. Formalmente, portanto, 36,84% eram solteiros – e muitos, inclusive, vivem sozinhos na ilha. Além disso, 8,77% dos idosos possuem uma união estável, enquanto outros 8,77% são viúvos. Tais dados revelam uma diversidade de configurações familiares de pessoas idosas em Cotijuba, o que pode influenciar suas necessidades de apoio e cuidado na velhice. Afinal, 24,56% dos idosos são Pessoas Com Deficiência (PCD). Este dado revela uma parcela significativa da população que enfrenta desafios adicionais em termos de mobilidade, acessibilidade e necessidades de cuidado.

No que concerne à religião, 57,89% eram evangélicas, 26,32% católicas e 8,77% espíritas. O percentual expressivo de pessoas idosas evangélicas em Cotijuba é decorrente da forte presença de igrejas na ilha e a influência que elas exercem na vida cotidiana local. Ademais, dados os desafios de isolamento,

exclusão social, abandono parental, entre outros, vivenciados na velhice, pressupõe-se que a adesão à essa religião pode estar associada a redes de apoio comunitário que ajudam a enfrentar esses e outros desafios. Outro dado interessante é o número de participantes que se identificam como católicos, o que indica que o catolicismo, apesar de ter sua abrangência e domínio reduzidos nos últimos anos, ainda possui uma presença significativa na ilha. No mais, apesar de muitas pessoas seguirem religiões de matrizes africanas em Cotijuba, os dados obtidos revelam uma sub-representação dessas crenças. Decerto isso se deu em virtude do preconceito e da discriminação que essas religiões frequentemente enfrentam, alguns participantes podem não ter se sentido à vontade para se identificar como praticantes dessas religiões.

Com base em marcos teóricos importantes acerca do processo de envelhecer, o envelhecimento compreende uma temporalidade em que há um maior desenvolvimento de vulnerabilidades, seja de natureza biológica, seja e/ou psicossocial, seja socioeconômica (Nascimento *et al.*, 2021). Nessa perspectiva, ao relacionar questões deficitárias, como educação, renda e saúde, no decorrer da vida dos idosos, em maior ou menor grau, as vulnerabilidades podem gerar adoecimento, além de promoverem, também, dificuldades de acesso aos recursos de proteção disponíveis legal e socialmente (Nascimento *et al.*, 2016). Logo, na realidade da população da Ilha de Cotijuba (PA), é perceptível que as políticas públicas são ineficientes, sobretudo em relação à população idosa. Essa observação é confirmada na pesquisa de Souza e Reis (2020), os quais apontaram a inexistência de programas e/ou projetos de esporte, cultura, lazer, entre outros, oriundos de projetos implementados por políticas públicas governamentais para os idosos da ilha.

Para além dessas constatações socioeconômicas, identificamos que muitos idosos e idosas residem sozinhos(as) e experimentam o abandono e a solidão, como nos relatou uma idosa de 72 anos residente da ilha: “*Olha, aqui nós temos, no nosso grupo, várias pessoas que moram só, só elas e Deus*”. Essa situação de abandono tem como raiz do problema a ausência e/ou deficiência de algumas políticas públicas que motivam os filhos e as filhas desses idosos(as) a buscar por melhores oportunidades na área urbana de Belém e em outras cidades próximas. Soma-se a

isso o fato de que, segundo os idosos, poucos são os filhos que ligam ou têm tempo para visitá-los, pois, ou moram longe, ou estão ocupados em suas rotinas laborais e familiares. A idosa pontuou ainda que: “[Eles] têm filho? Têm! Mas muitos viajam, vão estudar fora, trabalham. Como eu, que tenho filho que também trabalha pra lá. Não tem tempo de tá comigo”. Em outras palavras, como a ilha carece de infraestrutura e de acesso a serviços básicos, muitos jovens são motivados a procurar por qualificação profissional e empregos no continente, onde esperam encontrar melhores condições de vida e ascensão social. Esse movimento migratório resulta em uma dolorosa separação familiar, deixando os idosos, por vezes, além de sozinhos, completamente desamparados.

Consoante a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD - Contínua) de 2022, divulgada em 2023 pelo IBGE, o percentual de domicílios com apenas um morador aumentou de 12,2% para 15,9% em 10 anos (2012-2022). Dentre esses domicílios unipessoais, 41,8% eram ocupados por pessoas 60+ vivendo sozinhas. Nesse contexto, em 2023, o número de denúncias de abandono de idosos aumentou 855%, de acordo com dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Em apenas cinco meses de 2023, foram registrados 19.987 casos de abandono, comparados aos 2.092 casos registrados no ano anterior. Tais dados evidenciam que essa problemática afeta não apenas a população idosa da Ilha de Cotijuba, como também outros locais no País.

O abandono tem um impacto substancial na vida dessas pessoas. Muitos nos relataram sentir-se esquecidos por suas famílias, pelo Estado e pela sociedade, como uma das idosas que comentou: “*Mora eu, Deus e meu marido, mas eu tenho uma pessoa pra dividir, mas tem outros que não têm*”. Essa sensação de desamparo pode levar a problemas de saúde mental, como depressão e ansiedade, além de agravar condições físicas preexistentes. Houve relatos de pessoas idosas que, diante do abandono, enfrentaram momentos muito difíceis, tanto de saúde quanto financeiramente, que ocasionaram crises de ansiedade, estresse e depressão. Maria, por exemplo, aos 62 anos passou a praticar exercícios físicos, por indicação médica, para cuidar de sua saúde mental.

Outra idosa, de 70 anos, relatou que vive sozinha na ilha há muitos anos, desde a morte de seu marido. Ela explicou que optou por não ter outro

companheiro, temendo perder a casa que seu falecido esposo construiu e lhe deixou. Além disso, revelou que também temia sofrer algum tipo de violência, o que a levou a escolher viver sozinha. Ela admitiu, porém, que a solidão pesa em sua rotina e que, muitas vezes, gostaria de ter alguém com quem conversar, compartilhar suas histórias, seus medos e suas alegrias. Esta senhora, ao que parece, vive um dilema comum a muitos idosos: o desejo por companhia e apoio emocional acompanhado do medo de perder, por conta disso, sua segurança e independência.



Vivências de lazer de pessoas idosas da ilha



4.1 O lazer de antigamente

Ai, meu filho, eu gostava de me “atrepar” nas árvores, brincar macaca [amarelinha], pular corda, sabe?! Gostava mesmo de Peteca, porque nessa época minha mãe fazia aquelas saia grande e aí eu virava a saia e botava as petecas aqui, e dali eu brincava, sabe?!

(Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024).

Com base nesse e em outros relatos, se identificou que as vivências lúdicas dos idosos da ilha possuem uma rica diversidade de práticas recreativas, muitas vezes ligadas a tradições culturais locais, ao trabalho e à natureza (Quadro 3). Essa variedade de práticas demonstra como a imaginação e a criatividade eram muito acionadas e estimuladas na infância, sendo elas, por vezes, elementos fundamentais nas brincadeiras e outras atividades. Depreende-se que jogos tradicionais, cantigas, danças e narrativas orais (como contação de histórias e estórias) eram comuns e, com efeito, incentivavam as crianças a desenvolverem habilidades criativas. Tais momentos lúdicos também eram ocasiões para transmissão de saberes entre gerações.

Para além disso, como essas práticas variavam de simples brincadeiras a atividades laborais, percebe-se que a compreensão de lazer de muitos participantes da pesquisa era bem ampliada, pois eles consideravam muitos momentos de trabalho também como momentos de lazer. Conforme relatou uma das idosas: “*Era na hora de você brincar, nós brincava, agora na hora de fazer alguma coisa a gente tinha de fazer, e foi isso. Então, eu amei, amo tudo aquilo que a minha mãe me ensinou, sabe?!*” (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024). Para muitos, os trabalhos diários, como pescar, fazer farinha e outras tarefas, continham elementos lúdicos, recreativos e prazerosos. Essa visão contrasta fortemente com a sociedade urbana e industrial contemporânea, para a qual o lazer é geralmente entendido como um tempo de descanso e diversão, separado das obrigações laborais (Gomes, 2014). Essa dicotomia é menos evidente nas comunidades tradicionais, nas quais as atividades do dia a dia frequentemente possuem outras lógicas e concepções de trabalho e de lazer.

Quadro 3 – Práticas de lazer que a população idosa realizava no passado

Vivências de lazer do/no passado		
Amarrar lata e andar;	Andar de bicicleta;	Andar na perna de pau;
Apanhar açaí;	Artesanato;	Bambolê;
Brincar de bola;	Canela de pau;	Casinha;
Conversar;	Cortar seringa;	Costura;
Crochê;	Dançar;	Desenhar;
Fazer batom de raiz;	Fazer farinha	Fazer ginástica;
Fura-fura;	Ir a festas;	Ir à praia;
Jogar bola;	Jogar vôlei;	Jogos;
Mariscar;	Papagaio;	Passear/viajar;
Passeios;	Peão;	Pescar;
Peteca;	Pintura;	Piquenique;
Pula macaca/Amarelinha;	Pular corda;	Pular entre árvores;
Queimada;	Telefone de lata;	Tomar banho de igarapé.

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Muitas práticas recreativas mencionadas pelos idosos (Quadro 3) eram profundamente mediadas pela natureza, refletindo uma conexão íntima com os tempos/espaços da ilha. As interações com elementos bióticos, como plantas e animais, eram frequentes e diversas. Plantas não somente serviam como materiais para a criação de brinquedos artesanais, como os batons feitos com raízes de vegetais, mas também como parte de brincadeiras, como os tradicionais saltos realizados de cima de árvores na água. Da mesma forma, os seres abióticos como a chuva, o ar, o sol e os igarapés faziam parte das práticas lúdicas cotidianas. Brincar ao sol era diferente de brincar à chuva, tendo em vista que a água que caía do céu potencializava a magia lúdica das brincadeiras. O vento, por sua vez, influenciava os melhores horários para “empinar” (soltar) pipas. O sol e as marés, por sua vez, ditavam os horários das brincadeiras, seja pelos picos de calor, seja pelo temor das águas agitadas, seja em respeito às entidades míticas que protegiam aquelas ambientes.

Nessas vivências de lazer do passado, ao que parece, essas pessoas se conectavam mais e possuíam maior respeito às lógicas e às temporalidades

próprias da natureza (Bahia, 2014). Pescar, mariscar, apanhar açaí e tomar banho de igarapé, além de serem fontes de diversão, também refletiam uma integração com o meio ambiente. Entende-se que essa conexão forte com a natureza não apenas enriqueceu as experiências lúdicas dos idosos na infância, mas também concebeu uma ação-reflexão mais integrada, equilibrada e respeitosa com o local em que viviam.

Naquele tempo, as pessoas mantinham um ritmo mais calmo, em sintonia com os “tempos lentos” da ilha. As práticas como fazer farinha, pescar e fazer artesanato, são exemplos de atividades que permitiam uma experiência de tempo mais ampliada e menos programada. Ao se considerar as compreensões de Santos (2002, 2004), a atmosfera frenética do centro urbano de Belém contrasta fortemente com essa calmaria vivenciada pelos idosos em Cotijuba e/ou em seus outros interiores de origem. Desse modo, o lazer do passado era marcado por uma presença física e emocional mais plena, que valorizava os “tempos lentos”, isto é, o momento presente, os contatos e as interações humanas e não humanas.

As práticas mencionadas, que foram elencadas (Quadro 4) de acordo com os conteúdos culturais do lazer, envolviam: 1) atividades físicas, com movimentação e esforço físico; 2) atividades manuais, que estimulavam o trabalho com as mãos; 3) atividades intelectuais, como jogos de raciocínio; 4) atividades artísticas, em que a imaginação e a criatividade eram potencializadas; 5) atividades sociais, nas quais haviam processos de sociabilidade; 6) atividades turísticas, em que havia deslocamento e/ou viagem para experienciar determinados locais. Não foram mencionadas práticas de conteúdo virtual, uma vez que na infância e na adolescência de muitas pessoas idosas sequer havia energia elétrica, muito menos *internet*. Em Cotijuba, por exemplo, a energia elétrica chegou apenas em 2005.

Quadro 4 – Práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba (PA) realizava

Classificação das práticas de lazer de acordo com os conteúdo		
Conteúdos	Descrição	Práticas identificadas
Físicos	Atividades que envolvem movimento corporal e esforço físico.	Pescar; Andar de bicicleta; Pular corda; Pular macaca (amarelinha); Andar na perna de pau; Jogar vôlei; Queimada; Pular/subir em árvores; Jogar bola; Andar em cima de latas; Fazer ginástica; Canela de pau; Dança; Bandeirinha (corrida para pegar a bandeira do time oponente); Brincar na chuva, Mariscar, Apanhar açaí.
Manuais	Atividades que envolvem o uso das mãos para criar ou trazer algo.	Fazer batom com raiz de árvore; Fazer farinha; Pintura; Artesanato; Crochê; Costurar; Cortar seringa; Pescar, Mariscar; Apanhar açaí, Fazer cadeiras de carrinho; Peteca; Soltar pião.
Intelectuais	Atividades que envolvem o uso da mente para aprender, refletir ou analisar.	Conversar; Jogar dominó, dama, baralho (considerando jogos de julgamento e estratégia).
Artísticos	Atividades que envolvem criatividade e expressão artística.	Pintura; Artesanato; Dança; Crochê; Costura; Fazer batom com raiz de árvore.
Sociais	Atividades que envolvem interação social e convivência com outras pessoas.	Ir para a festa; Piquenique; Conversar; Brincar de casinha; Brincar de Ônibus;
Turísticos	Atividades que envolvem deslocamento e exploração de novos lugares.	Viajar; Ir para a praia; Andar de canoa; Passsar; Tomar banho de igarapé, Tomar banho de rio.
Virtuais	Atividades realizadas em ambientes digitais e online.	Não foram mencionadas práticas de lazer com conteúdo virtual.

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

As motivações por trás dessas atividades estavam ligadas a diversos fatores intrínsecos e extrínsecos, como: 1) gostos pessoais e satisfação – muitos idosos relataram que realizavam essas atividades simplesmente porque gostavam, achavam bonito ou se divertiam com elas; 2) necessidade de sobrevivência – algumas atividades eram realizadas tanto por lazer quanto por subsistência, pois eram momentos de coleta, da pesca ou da caça de animais para alimentação; 3) interações sociais e familiares – muitas práticas envolviam a família e os amigos (Quadro 5). Portanto, além da diversão, esses momentos contribuíam para a saúde física e o bem-estar na infância, mantinham a mente ativa e engajada, ajudando a preservar a cognição e o bem-estar mental e, com efeito, permitiam que essas pessoas estimulassem sua imaginação em processos criativos, o que permitia que

expressassem suas emoções. Ademais, ao possibilitarem interações e relações sociais, fortaleciam os laços comunitários.

Quadro 5 – Motivações das práticas de lazer vivenciadas no passado

Fatores	Categorizações	Motivações
Intrínsecos	1) Gostos pessoais e satisfação	Realizavam essas atividades simplesmente porque gostavam, achavam bonito ou se divertiam com elas;
	2) necessidade de sobrevivência:	Algumas atividades eram realizadas tanto por lazer quanto por subsistência, pois eram momentos de coleta, da pesca ou da caça de animais para alimentação.
Extrínsecos	3) interações sociais e familiares -	Muitas práticas envolviam a participação da família e de amigos, como as festas e/ou celebrações;

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Nas memórias lúdicas de uma idosa de 72 anos, residente da Ilha de Cotijuba, ela relembra que o lazer nos momentos passados eram ocasiões em que ela e os irmãos brincavam, compartilham histórias e tinham momentos de diversão dentro de casa e/ou no quintal: *“Sempre me diverti. Era em casa? Era! Com meus irmãos, porque a minha mãe não consentia nós de brincar na casa vizinho. Então nós brincava junto”* (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024). Esses divertimentos sempre eram acompanhados dos olhos atentos dos pais, como ela nos contou: *“ [...] E a gente brincava, né?!. Muito legal. Meu pai fazia essas barracas, sem parede, né?!. Pra mamãe enxergar de lá de onde a gente tava. Mas era super legal”* (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024).

No entanto, ela revela com tristeza as mudanças ocorridas nas diversões atuais: *“ [...] fico triste, porque, hoje em dia, os meus netos, bisnetos não têm a liberdade que eu tive, sabe?! Não têm. É só celular, viu?! Todo tempo. E aí quer dizer que depois que ele ficar rapaz, ou ela, não vai saber contar o que eu tô contando com 72 anos”* (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024). Esse relato evidencia que, em diversas realidades brasileiras, especialmente no interior, no campo ou na zona rural, o lazer tem passado por transformações significativas. Antigamente, era comum que crianças e adolescentes encontrassem diversão em meio a brincadeiras que envolviam a criatividade e a interação com a

natureza (Beltrão, 2003). Essas práticas, que em geral ocorriam nos chãos de terra de ruas e quintais, eram guiadas pela imaginação e fortaleciam laços afetivos entre parentes, amigos e vizinhos (Lobato; Bahia, 2023).

Nos tempos atuais, contudo, esse cenário tem sido completamente modificado. Como pontua outra idosa: “*Eu lamento essas crianças hoje em dia viver só de celular, não tem uma pipa, não tem uma bola, não tem um pião, não sabe subir na árvore, porque se treme, tem medo, porque nunca subiu, viu?*” (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024). A tecnologia, com suas inúmeras possibilidades, passou a ocupar um espaço central no cotidiano de crianças, jovens e mesmo pessoas idosas. Videogames, *smartphones*, computadores e redes sociais têm substituído as brincadeiras tradicionais e concebido um novo conteúdo de lazer: o virtual (Schwartz, 2003, 2023).

Essa configuração atual, que compreende um fenômeno global, traz reverberações preocupantes quanto à perda de jogos e brincadeiras que se encontram em esquecimento ou desuso em razão das substituições pelas novas tecnologias. Segundo outra idosa, seus netos e bisnetos: “*Não sabe jogar um dominó, porque tudo isso a gente tinha. Eu tenho pena dos meus netos, dos meus bisnetos que não vão ter essas palavras que eu tenho para dizer para vocês*” (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024). Os mais jovens, pois, estão imersos em uma ludicidade virtual, que os prende em frente a telas por horas. Desse modo, a preocupação maior acentua-se no fato de que: os mais antigos, que ainda detêm na memória essas práticas, levarão consigo, para além dessas dinâmicas lúdicas, as regras, os sentidos e os significados inicialmente atribuídos a elas.

Diante do exposto, é doloroso percebermos que essas práticas estão sendo enterradas juntamente com os mais velhos, pois representam um tesouro cultural que está desaparecendo. As vivências lúdicas tradicionais, enraizadas na interação com a natureza e na riqueza das tradições locais, carregam consigo uma herança de conhecimento, criatividade e valores comunitários. A real ameaça de perda dessas práticas não é apenas uma questão de nostalgia, mas de ruptura com uma forma de viver e entender o mundo que valoriza o contato direto com a natureza e as relações interpessoais. Essa desconexão em curso significa que muitas das

regras, dos sentidos e dos significados originais dessas práticas também se perderão ou serão resignificados.

4.2 O lazer de hoje em dia

Na busca por conhecer as vivências atuais de lazer da população idosa da Ilha de Cotijuba, foi questionado aos participantes o que mais gostavam de fazer na vida cotidiana. As respostas podem traduzir uma série de atividades que atendem não somente às necessidades do cotidiano, mas, também, ao bem-estar do indivíduo. Nesse sentido, como mostra o Quadro 6, com base nas informações coletadas, foram identificadas 56 práticas de lazer realizadas atualmente pelos idosos da ilha, dentre elas, vários apontaram afazeres domésticos (arrumar roupas, limpar a casa, cozinhar, cuidar dos animais) como atividades que, para além de manterem a rotina do lar organizada, propiciam uma sensação de utilidade, e por isso as consideraram momentos de lazer.

Para Lobato (2021, p. 136), o lazer “[...] enquanto componente da vida social, pode ser experienciado e estar presente em momentos, práticas e espaços considerados como os mais impensáveis do cotidiano” – inclusive nos afazeres domésticos. Destaca-se que entre os 57 participantes da pesquisa, foram identificadas 56 práticas diferentes. No entanto, muitas das respostas apresentaram similaridades e repetições, indicando que alguns idosos relataram as mesmas atividades ou práticas. O Quadro 6 abaixo mostra a totalidade das práticas mencionadas pelos entrevistados, incluindo todas as repetições e respostas similares, para proporcionar uma visão completa de todas as atividades citadas, sem excluir nenhuma prática.

Quadro 6 – Práticas de lazer atuais da população idosa de Cotijuba

Vivências de lazer nos dias atuais		
1. Afazeres domésticos;	2. Ajudar a irmã nos afazeres domésticos;	3. Andar de bicicleta;
4. Arrumar roupas;	5. Assear a casa;	6. Assistir novela;
7. Assistir o futebol;	8. Assistir televisão;	9. Atividade física com idosos;
10. Atividades do lar;	11. Atividades físicas;	12. Baile da saudade;
13. Caminhar;	14. Correr	15. Capinar.
16. Comer;	17. Conversar com as amigas;	18. Costurar;
19. Cozinhar doces e salgados;	20. Cozinhar;	21. Criação de galinha;
22. Crochê;	23. Cuidar da alimentação;	24. Cuidar da pousada;
25. Cuidar dos cachorros e dos papagaios;	26. Dormir;	27. Estender roupas no quintal;
28. Fazer abdominal;	29. Fazer palavras-cruzadas;	30. Ficar em casa;
31. Ficar no celular (redes sociais);	32. Física no MMIB;	33. Gastronomia;
34. Gostar de levar os turistas aos cantos de Cotijuba;	35. Ir à igreja;	36. Ir à missa;
37. Ir a Salvaterra e Mosqueiro;	38. Ir para a praia com os netos;	39. Ir para o MMIB;
40. Joguinhas no celular;	41. Lazer é em casa;	42. Ler livros;
43. Ler;	44. Limpar o quintal;	45. Ouvir louvores;
46. Ouvir música;	47. Ouvir o rádio;	48. Passear;
49. Pintar unha;	50. Plantar e capinar o quintal;	51. Sair;
52. Serviços de casa;	53. Tomar uma cerveja;	54. Trabalhar (Unir o trabalho ao lazer);
55. Vendas;	56. Vídeos no Kwai;	57. Não tenho lazer

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

De forma paralela, os participantes citaram práticas como caminhar, andar de bicicleta, além de participar de grupos de atividades físicas com outras pessoas idosas. Outros momentos de diversão mencionados foram as participações em eventos como os “Bailes da Saudade” e os cultos de igrejas. Alguns idosos citaram atividades mais “passivas”, como assistir novelas, ouvir música, fazer crochê e/ou passar o tempo no celular com os jogos *on-line*, os vídeos curtos e as redes sociais. O lazer, portanto, é multifacetado, uma vez que pode englobar desde atividades lúdicas e recreativas até as que envolvem produtividade e/ou busca espiritual.

Dessa forma, compreende-se que o lazer dos idosos de Cotijuba pode contemplar desde as responsabilidades a eles atribuídas até as atividades

promotoras da saúde, da socialização e do entretenimento. Por outro lado, houve ainda quem dissesse que não possuía lazer referindo-se a práticas como viajar. Lobato (2021, p. 130) assinala que, considerando o lazer sob uma perspectiva convencional, de fato, não há lazer, pelo menos: “[...] Não essas práticas de lazer que, historicamente, foram apropriadas pelo capital e transformadas em mercadoria, veiculadas pela mídia e institucionalizadas em governos como únicas e exclusivas possibilidades de usufruir dessa dimensão da cultura”. Assim, com a imposição do lazer convencional, cria-se uma venda que encobre a percepção de algumas pessoas sobre as suas práticas, inclusive reproduzindo a invalidação delas (Lobato; Hamoy, Bahia, 2022).

Como anteriormente mencionado, o cotidiano dos idosos da ilha envolve diversas tarefas diárias, que podem incluir o auxílio na alimentação, a realização de atividades domésticas, entre outras (Nascimento *et al.*, 2019). Essa situação reflete uma rotina que, frequentemente, prioriza responsabilidades e equilibra trabalho com momentos de lazer. Desse modo, ao questioná-los se essas atividades laborais poderiam ser consideradas lazer, constatou-se que, embora sejam comumente lidas como trabalho ou outras responsabilidades, elas representam manifestações culturais que expressam ludicidade em um dado tempo/espaço social (Gomes, 2014).

Em uma realidade em que o acesso às atividades de lazer e recreação é reduzido, essas práticas possuem um outro olhar, para além das formas convencionais de lazer (Lobato, 2021; Lobato; Hamoy; Bahia, 2022). Tais atividades, portanto, superam suas funções laborais e outras responsabilidades. Conforme Gomes (2004, p. 121), trabalho e lazer, “[...] apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social [...]”, por isso não se configuram como polos opositores. Dito isso, é preciso compreender que no cotidiano da vida – como o de pessoas idosas ribeirinhas – “[...] nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações profissionais, familiares, sociais, políticas, religiosas” (Gomes, 2004, p. 121).

Conforme a Lei nº 10.741/2003, é obrigação do poder público garantir à pessoa idosa “[...] a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação,

à cultura, ao esporte, ao **lazer** [...]” (Brasil, 2003, 2022 s. p.). Nesse sentido, a falta de políticas públicas de lazer direcionadas à população idosa de Cotijuba faz com que ocorra a construção de práticas próprias para suprir suas respectivas necessidades, como apontado no Quadro 6 anteriormente. Outrossim, uma vez que não há uma infraestrutura adequada, bem como iniciativas governamentais que promovam as atividades de lazer, a população idosa tende a adaptar, ou não, o lazer ao ambiente disponível, eventualmente dentro do espaço de suas residências, espaços comunitários, igrejas, dentre outros. Essas práticas de lazer, apesar de criativas e adaptadas para a realidade desses idosos, por vezes não contemplam as necessidades, tais como o bem-estar físico e o mental dos idosos, os quais revelam uma carência de apoio que restringe ao acesso a um lazer diversificado. Assim, mais esse dado evidencia que a velhice como “idade do lazer” (Debert, 2012) está longe de ser uma realidade, pois o direito social ao lazer, expresso na Constituição Federal brasileira (Brasil, 1988), pelo menos para a população idosa de Cotijuba não é materializado, portanto, é negligenciado.

Diante da ausência de práticas de lazer para os idosos da ilha, o MMIB se configura como um importante facilitador do acesso dos idosos a atividades de lazer e de promoção à saúde, por meio de atividades físicas, eventos sociais e possibilidades de convívio com outros idosos (Figura 6). As atividades desempenhadas pelos idosos na associação, para além da diversão, ajudam a fortalecer os laços comunitários – o que contribui para preencher lacunas deixadas pela ineficiência do Poder Público. Conforme identificado em uma pesquisa análoga realizada na ilha (Souza; Reis, 2020), as principais atividades realizadas pelos idosos são ir às compras no comércio local, ir aos encontros em igrejas, conversar em frente às casas, além das atividades desenvolvidas pelo MMIB.

Figura 6 – Pessoas idosas realizando atividades físicas no MMIB



Fonte: Pesquisa de campo (2024).

As práticas elencadas no Quadro 6 foram classificadas conforme os conteúdos culturais do lazer, propostos por Joffre Dumazedier (1979) e complementados por Camargo (1986) e por Schwartz (2003). Nesses termos, identificou-se que entre os conteúdos mais expressivos, 75,44% dos participantes realizavam algum tipo de atividade física, 57,89% atividades manuais, 33,33% atividades sociais e 29,82% atividades turísticas (Tabela 2). Apenas 12,28% realizavam atividades com conteúdo virtual, revelando que alguns poucos idosos de Cotijuba acessam o meio digital e o tem como espaço/tempo de lazer. Após a análise das práticas de lazer desempenhadas pelos idosos da ilha, pôde-se compreender que há um lazer diversificado, com ênfase na realização de atividades de manutenção da saúde, produtivas, bem como de socialização.

Tabela 2 – Classificação dos conteúdos do lazer da população idosa de Cotijuba

Classificação das práticas de lazer de acordo com os conteúdos			
Conteúdo	Descrição	n	%
Físicos	Atividades que envolvem movimento corporal e esforço físico.	43	75,44
Manuais	Atividades que envolvem o uso das mãos para criar ou trazer algo.	33	57,89
Intelectuais	Atividades que envolvem o uso da mente para aprender, refletir ou analisar.	7	12,28
Artísticos	Atividades que envolvem criatividade e expressão artística.	5	8,33
Sociais	Atividades que envolvem interação social e convivência com outras pessoas.	19	33,33
Turísticos	Atividades que envolvem deslocamento e exploração de novos lugares.	17	29,82
Virtuais	Atividades realizadas em ambientes digitais e online.	7	12,28

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

No que concerne à importância dessas práticas, para além da saúde física, tem-se a interação social com outros idosos, o que combate o isolamento, pois possibilita apoio emocional, como pontua uma moradora da ilha, de 72 anos, “[...] *então o nosso MMIB é uma família maravilhosa, porque se aquela pessoa que não vai aparecer na nossa ginástica, a gente procura saber o que tá acontecendo, como eles se preocuparam comigo, porque tinha quase um mês que eu não tava indo*” (Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024). O lazer para os idosos proporciona benefícios significativos, como a ampliação do círculo de amizades, a descoberta de novas habilidades, a superação de limitações, a melhoria do humor e a redução da ansiedade e da depressão. Além disso, o lazer contribui para a saúde física e psicológica dos idosos, promovendo a autoestima e a redescoberta do seu valor social (Dias; Isayama 2014).

Em relação às motivações, as atividades mencionadas eram realizadas por inúmeras questões, as quais foram agrupadas de acordo com fatores intrínsecos (fatores internos) e extrínsecos (fatores externos), e reagrupadas de acordo com as seguintes categorizações: 1) Satisfação pessoal e bem-estar, 2) Manutenção da saúde, 3) Socialização, 4) Busca por propósitos espirituais e religiosos e 5) Obrigações/atividades produtivas (Quadro 7). Há, portanto, inúmeros aspectos que motivam a realização de todas essas atividades, como a possibilidade de proporcionar prazer, descanso, diversão, propósito, etc. (Lobato; Hamoy; Bahia,

2022). As respostas revelaram como o lazer pode divergir conforme as necessidades, os interesses e os contextos sociais e/ou individuais (Gomes, 2011, 2014).

Quadro 7 – Motivações para realização das práticas mencionadas como lazer

Fatores	Categorizações	Motivações
Intrínsecos	1) Satisfação pessoal e bem-estar	“satisfação em ficar em casa fazendo crochê”, “porque faz bem para a saúde”, “por conta do bem-estar”, “cozinhar faz espalhafato”, “ter prazer em se aperfeiçoar”, “por diversão”, “fazer as coisas ocupam o tempo”.
	2) Manutenção da saúde	“auxilia na manutenção da mente”, “porque a atividade física é uma necessidade”, “porque faz bem para a saúde”, “porque gosto de me exercitar”, “porque ir na praia correr é uma atividade de lazer”
Extrínsecos	3) Socialização	“porque vejo as pessoas”, “porque lazer é sair de casa”, “porque não tem para onde ir além da igreja”
	4) Busca por propósitos espirituais e religiosos	“orar e pedir coisas boas para a família”
	5) Obrigações/atividades produtivas	“porque cozinhar satisfaz o cliente”

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Nesse contexto, em relação aos espaços onde ocorrem as práticas de lazer das pessoas idosas em Cotijuba, 54,39% dos participantes apontaram que realizam as práticas em suas residências, 29,82% em locais públicos, 12,28% em contato com a natureza nas matas e/ou na floresta e 36,84% em outros locais, como exposto na Tabela 3. De acordo com dados complementares, o ambiente doméstico é o mais utilizado em virtude da ausência de espaços ou equipamentos específicos de lazer na ilha destinado ao público idoso e, também, em razão da comunidade, do conforto e da segurança que os lares oferecem. No mais, as residências contam com as frentes das casas e os quintais – que são uma extensão da floresta e se revelam como ambientes que trazem lembranças das brincadeiras na infância.

Tabela 3 – Locais que população idosa de Cotijuba realiza práticas de lazer

Classificação dos locais em que os idosos realizam práticas de lazer			
Local	Descrição	n	%
Residência	Espaço privado em que são realizadas atividades individuais e/ou de socialização com familiares, amigos, etc.	31	54,39
Público	Áreas como centros comunitários que comumente são utilizados para a realização de atividades físicas e socialização.	17	29,82
Mata/floresta	Ambiente utilizado para interação com a natureza.	7	12,28
Igarapé/praias	Locais aquáticos utilizados para a realização de atividades como nado e/ou pesca.	5	8,77
Outros	Inclui igrejas, espaços culturais (MMIB), locais que podem ser utilizados para a realização de atividades laborais, sociais e de lazer.	21	36,84

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Por outro lado, locais como a rua, as igrejas e espaços culturais, durante o contexto temporal da pesquisa, eram utilizados para a busca de crescimento espiritual, cultural e social. O MMIB, por exemplo, como anteriormente mencionado, atua como um espaço sociocultural importante para a socialização de idosos em situação de abandono parental e a realização de atividades físicas e culturais voltadas para a educação, o empreendedorismo, a saúde e o bem-estar da comunidade idosa. Ademais, constatou-se que o contato com a natureza nos igarapés, nas praias e nas florestas/matas/quintais é significativo para uma parcela dos idosos. Desse modo, se comprehende que nessas espacialidades o lazer é maleável de acordo com as necessidades e os interesses das pessoas idosas.

Os resultados revelam que essas práticas de lazer vivenciadas por pessoas idosas em Cotijuba, ocorrem em quatro principais espaços da ilha: a casa, a praia, a floresta e o MMIB. Nas práticas realizadas em casa, as idosas, sobretudo, disseram ter o lazer em suas atividades domésticas, como cuidar da casa e cozinhar. Muitas destacaram a importância dessas atividades para manterem-se ativas e engajadas, além de proporcionarem uma sensação de utilidade – tendo em vista que, por vezes, muitas tendem a não se sentir úteis para a sociedade. Portanto, esses espaços, e as práticas que neles ocorrem, não apenas são obrigações sociais, mas também potencializam momentos de ludicidade.

As atividades fora das residências foram igualmente valorizadas pelos participantes da pesquisa. Na praia, por exemplo, as caminhadas são uma prática

popular, não apenas pelo exercício físico, mas também pela oportunidade de interação social com outros moradores e turistas. Nos quintais e/ou floresta adentro, o lazer também inclui caminhadas, observação da fauna e coleta da flora local para manejo e fins medicinais. As caminhadas nesses espaços são igualmente uma oportunidade de se conectar com a natureza, especialmente durante a semana, quando não há um certo fluxo de turistas. Os idosos valorizam esses momentos de tranquilidade, longe do barulho e da agitação, em que podem desacelerar e apreciar a beleza natural ao seu redor.

Muitos destacaram a sensação de paz e tranquilidade que encontram nesses espaços/tempo da natureza. Nessas atividades ao ar livre, como mencionado anteriormente, os longevos mantêm um ritmo em sintonia com os “tempos lentos” da ilha. Além disso, essa relação entre os “tempos lentos” de Cotijuba e os “tempos rápidos” do centro de Belém destaca a necessidade de políticas e programas que promovam a inclusão e a acessibilidade ao lazer em áreas rurais, como a ilha de Cotijuba, na qual o desafio pode ser preservar e valorizar os espaços de lazer tradicionais em meio ao desenvolvimento urbano. Assim, é possível conceber espaços/tempo de lazer que permitam aos residentes se reconectar com as lógicas, as dinâmicas e as temporalidades próprias da natureza. No entender de Bahia (2014), nesse processo, o ser humano tem se utilizado do lazer como um intermediador de relações com a sua própria natureza.

Outro espaço destacado nos questionários e nas conversas informais foi o MMIB enquanto local de práticas de lazer de pessoas mais velhas. O MMIB é uma instituição comunitária, intergeracional, sem fins lucrativos, fundada em 1998, com o objetivo de estimular a autonomia, a autoestima e o desenvolvimento do cidadão. No MMIB, os habitantes da ilha participam de vários projetos, que envolvem cursos de culinária, artesanato, agricultura, danças, palestras, oficinas de artesanato e encontros culturais, que proporcionam aos idosos um ambiente acolhedor, no qual podem compartilhar experiências, trocar histórias e apoiar uns aos outros.

No caso das pessoas idosas, essas interações, promovidas pelo “Grupo Vida e Companhia” existente no MMIB, são fundamentais para melhorar a saúde mental e emocional, bem como a integração social. Afinal, elas promovem diversas

formações, melhoria das capacidades físicas, lazer, diversão e entretenimento. Nesses momentos, eles acabaram por criar vínculos e laços de amizade e irmandade, em meio às sociabilidades cotidianas, como conta uma das idosas:

[...] Então o nosso MMIB é uma família maravilhosa, porque se aquela pessoa que não vai aparecer na nossa ginástica, a gente procura saber o que tá acontecendo, como eles se preocuparam comigo, porque tinha quase um mês que eu não tava indo. Não tava doente, eu tava ajudando resolver os problemas com a minha filha. Mas eu amei eles, e amo, porque eles se preocuparam comigo. Assim eu faço, eu me preocupo seja cá professora, seja quem for, porque ali é uma família fiel. [...] Um ajuda o outro.

(Relato oral de pesquisa, moradora da Ilha de Cotijuba, 2024)

Para além desse relato, vários outros destacaram o papel basilar dessa associação enquanto um ambiente favorável à redução do isolamento social durante o envelhecer. Afinal, esse espaço de acolhimento ajuda a pessoa idosa da ilha a reconhecer e a valorizar o lazer, bem como promove o envelhecimento ativo e mais saudável. Portanto, essa associação tem demonstrado o papel que o lazer pode desempenhar nos processos de abandono e solidão relatados por pessoas idosas de Cotijuba. Essa e outras benesses do lazer, porém, somente poderão ser maximizadas com o comprometimento do governo, da comunidade e das famílias no processo de implementação de políticas públicas de lazer que garantam que a população 60+ seja tratada com mais respeito.

Há também locais que foram apontados como espaços de lazer, mas que não eram frequentados pelos idosos, como a “praça” (ponto de chegada e saída da ilha), algumas praias, os bares e os restaurantes, porque são utilizados quase que exclusivamente pelos turistas. Dado o aumento de visitantes e a infraestrutura desenvolvida para atender a demanda turística, espaços que outrora eram usufruídos pelos ilhéus para contemplação, recreação e/ou convivência, como as praias, atualmente, passaram a se tornar barulhentas e superlotadas, sobretudo durante a alta temporada.

Nesse cenário, para muitos moradores, as estruturas para o lazer e o turismo em Cotijuba são direcionados única e exclusivamente aos visitantes. O estudo de Souza e Reis (2020) evidenciou, inclusive, que, por mais que a ilha conte com inúmeras praias, muitos idosos não costumam frequentá-las. Com efeito, a comunidade vê os seus espaços de lazer sendo alterados, ou até mesmo

privatizados, para atender os interesses do setor privado que trabalha com turismo – o que reduz as opções de lazer para a população.

4.3 O lazer almejado: desejos de acesso a outras vivências

Para compreender os desejos de lazer da população idosa de Cotijuba, perguntou-se aos participantes quais práticas gostariam de vivenciar em seu cotidiano, mas que não conseguem ou não podem por algum motivo. A partir dessa pesquisa, foram identificadas 23 práticas de lazer que os idosos gostariam de vivenciar (Quadro 8). Os dados obtidos refletem que a maioria das aspirações dos idosos estão centradas em atividades que envolvem viagem e turismo, como: viajar, passear, fazer turismo fora do estado, visitar familiares e práticas correlatas. Esses interesses indicam um forte desejo dos idosos em sair do ambiente habitual, explorar novos lugares e/ou revisitá-los em espaços conhecidos previamente. No estudo de Lobato, Hamoy e Bahia (2022), é abordado que esses interesses da população, no geral, se dão em razão dela adotar inconscientemente uma visão convencional e hegemônica de lazer, que tende a buscar, fora de suas comunidades, por práticas consideradas “legítimas”, sempre que possível.

Quadro 8 – Práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba gostaria de realizar

Vivências de lazer que gostariam de ter		
1. Viajar	2. Passear	3. Sair de casa
4. Ver as novidades	5. Turismo fora do estado	6. Sair mais
7. Fazer amizades	8. Visitar a família	9. Conhecer novos lugares
10. Provar novas gastronomias	11. Costurar	12. Pintura
13. Crochê	14. Mexer com massas para vender	15. Fazer coxinha
16. Praticar atividades físicas	17. Brincar	18. Jogar bola
19. Ajudar o próximo	20. Ir ao MMIB com mais frequência	21. Fazer faculdade
22. Unir com as pessoas	23. Ir à Ponta de Pedras	

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Para além das atividades turísticas, os idosos também expressaram o desejo por maior interação social. Fazer novas amizades, se reunir com outras pessoas e ajudar o próximo são indicativos de que momentos de socialização e de sociabilidade são fundamentais para o bem-estar da população idosa da ilha. Além disso, muitos manifestaram interesse em atividades manuais e criativas, como gastronomia, costura, pintura e artesanato – práticas que não apenas oferecem lazer, mas também podem gerar renda, especialmente em uma comunidade insular e turística. Outros interesses mencionados pelos idosos, não necessariamente ligados ao lazer, incluem o desejo de cursar uma faculdade e participar de atividades físicas. Nesse contexto, um ponto que chamou bastante atenção foi o uso recorrente do verbo “sair” associado à ideia de lazer desejado. Para muitos participantes, como não há opções de lazer na própria comunidade, há um desejo constante de sair em busca de experiências promovidas pela televisão e pela *internet* (Lobato, 2021).

As práticas apresentadas acima (Quadro 8) foram classificadas de acordo com os conteúdos culturais do lazer, proposto por Dumazedier (1979), complementado por Camargo (1986) e Schwartz (2003, 2023). Dessa forma, se identificou que, entre os conteúdos, 66,67% dos participantes da pesquisa gostariam de realizar atividades turísticas, 29,82% atividades sociais e 12,28% algum tipo de atividade física e manual, respectivamente (Tabela 4). Outrossim, apenas 3,51% pretendiam realizar algum tipo de atividade intelectual e artística. Nessa perspectiva, após a análise das práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba gostaria de realizar, pôde-se compreender que há um expressivo interesse dos idosos em realizar atividades turísticas, embora sintam vontade também de realizar atividades voltadas à socialização, à manutenção da saúde e à produtividade.

Tabela 4 – Conteúdos das práticas de lazer que a população idosa de Cotijuba (PA) gostaria de realizar

Classificação das práticas de lazer de acordo com os conteúdos			
Conteúdo	Descrição	n	%
Físicos	Atividades que envolvem movimento corporal e esforço físico.	7	12,28
Manuais	Atividades que envolvem o uso das mãos para criar ou trazer algo.	7	12,28
Intelectuais	Atividades que envolvem o uso da mente para aprender, refletir ou analisar.	2	3,51
Artísticos	Atividades que envolvem criatividade e expressão artística.	2	3,51
Sociais	Atividades que envolvem interação social e convivência com outras pessoas.	17	29,82
Turísticos	Atividades que envolvem deslocamento e exploração de novos lugares.	38	66,67
Virtuais	Atividades realizadas em ambientes digitais e online.	0	0,00

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Acerca das motivações, o desejo de realização das atividades mencionadas é por inúmeras questões, as quais foram agrupadas, em categorias e subcategorias, de acordo com fatores intrínsecos (fatores internos) e extrínsecos (fatores externos), e com as seguintes classificações: 1) Satisfação pessoal e bem-estar, 2) Manutenção da saúde, 3) Socialização e 4) Obrigações/atividades produtivas (Quadro 9). Há, portanto, inúmeros aspectos que motivam o desejo de realização de todas essas atividades, como a possibilidade de proporcionar redução do estresse, melhoria da saúde física e mental, aumento da autoestima e do bem-estar, prevenção de doenças, apoio emocional e socialização, entre outras (Lobato; Hamoy; Bahia, 2022). As respostas revelaram como o lazer pode divergir conforme as necessidades, os interesses e os contextos sociais e/ou individuais (Gomes, 2014).

Quadro 9 – Motivações de realização das práticas desejadas como lazer

Fatores	Categorizações	Motivações
Intrínsecos	1) Satisfação pessoal e bem-estar	“bem-estar”, “satisfação”, “por conta do descanso”, porque sair de casa já é um lazer”, “porque eu me divirto e passeio”, “porque ficaria feliz em ver as pessoas em Ponta de Pedras”, “porque viajar seria um lazer”, “porque viajar faz parte do lazer”, “olhar o mundo com os próprios olhos”, “para conhecer as belezas do nosso país”, “para conhecer outros lugares”.
	2) Manutenção da saúde	“melhorar a saúde”, “porque fortalece a saúde”, “por conta dos exercícios realizados, me sinto bem e quero viver mais”.
Extrínsecos	3) Socialização	“reunir com os amigos é um lazer”, “para ver outras pessoas”, “porque ficaria feliz em ver as pessoas em Ponta de Pedras”, “para ver o novo”.
	4) Obrigações/atividades produtivas	“a faculdade seria uma obrigação”, “porque acho bonita a profissão”.

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

A socialização, assim como a participação em práticas de lazer, é basilar para a manutenção da qualidade de vida da pessoa idosa, devido ao seu favorecimento para um envelhecimento ativo. De acordo com Ribeiro, Neri e Yassuda (2018, pp. 245), viver ativa e produtivamente faz com que “[...] uma pessoa possua um propósito de vida – uma das seis dimensões do bem-estar psicológico, referindo-se à sensação de que a vida faz sentido e tem direção, quando os objetivos podem ser cumpridos”. Por outro lado, na realidade do acesso ao lazer pela população idosa de Cotijuba, em Belém, as assimetrias e exclusões conformam regiões centrais como espaços-mercadoria de consumo (Lobato; Bahia, 2022, 2023). Com efeito, sob as dinâmicas do lazer convencional, na cidade de Belém há uma tendência de que “[...] quanto mais longe do centro urbano, menos serviços e espaços de lazer são disponibilizados à população” (Lobato, 2021, p. 188).

4.4 Barreiras que inviabilizam as vivências de lazer em Cotijuba (PA)

Diversas barreiras que inviabilizam e/ou obliteram o acesso às vivências lazer são identificadas durante o envelhecer. Em relação às barreiras que restringem determinadas práticas de lazer entre a população idosa de Cotijuba, 66,67% dos participantes afirmaram que eram barreiras financeiras, 42,11% eram barreiras físicas, 33,33% barreiras sociais, 21,05% culturais e 8,77% outros tipos

de barreiras (Tabela 5). Apesar de Silva (2023) abordar especificamente as barreiras percebidas na prática de atividades físicas entre idosos, suas análises permitem correlacionar as diferentes dificuldades que surgem ou são percebidas na adesão e no abandono de práticas de lazer em grupo. Ao se considerar as inúmeras contribuições que o lazer oferece, essas barreiras podem impactar a qualidade de vida da pessoa idosa (Hadi; Bakker; Häusser, 2021).

Tabela 5 – Conteúdos das barreiras que inviabilizam as práticas de lazer entre a população idosa de Cotijuba (PA)

Classificação das barreiras que inviabilizam as práticas de lazer			
Barreiras	Descrição	n	%
Físicas	Falta de infraestrutura adequada, acessibilidade limitada, etc.	24	42,11
Sociais	Falta de apoio familiar, discriminação, etc.	19	33,33
Financeiras	Falta de recursos para participar de certas atividades, etc.	38	66,67
Culturais	Normas/convenções sociais, costumes culturais que desencorajam a participação em certas atividades, etc.	12	21,05
Outras	Outros tipos de barreira que possam surgir	5	8,77

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

No que concerne às barreiras financeiras, os participantes consideram o dinheiro é essencial para acessar certas práticas de lazer (Pichler *et al.*, 2019). Contudo, o pouco conhecimento sobre educação financeira, em especial por parte da população idosa, é um fator determinante para o superendividamento e/ou gastos para além das condições financeiras, sobretudo quando essas pessoas destinam a maior parte dos seus rendimentos para cobrir despesas essenciais, como medicamentos, alimentação e moradia (Cronemberger; Sousa, 2023; Lima; Morais, 2024). Essas prioridades e preocupações expressas pelos idosos de Cotijuba são justificáveis, uma vez que os recursos financeiros disponíveis, quando existentes, não são prioritariamente direcionados à realização de práticas de lazer, as quais não são consideradas uma necessidade de primeira instância.

Além das barreiras financeiras, as barreiras físicas também foram recorrentemente mencionadas pelos interlocutores da pesquisa. Em rápida visita

à ilha, se observa que a infraestrutura básica (Figura 7) é um dos principais obstáculos ao acesso das pessoas idosas a determinados espaços e serviços, pois dificulta significativamente a mobilidade da população idosa a consultas médicas, visitas a parentes e amigos e práticas de lazer. Gomes *et al.* (2019) destacam que as condições de saúde física constituem uma das principais barreiras entre as pessoas idosas. Embora eles tenham o desejo de participar de atividades de lazer, faz-se necessário que uma infraestrutura adequada seja implementada para mitigar essas barreiras físicas e incentivar a participação da população idosa em práticas de lazer em Cotijuba.

Figura 7 – Infraestrutura urbana precária na Ilha de Cotijuba (PA)



Fonte: Pesquisa de campo (2024).

As barreiras sociais e culturais também desempenham um dos principais fatores que distanciam a população idosa do acesso ao lazer. Comumente, essas barreiras estão associadas a estereótipos e preconceitos de uma visão limitada do envelhecer, que subestima as capacidades e os interesses da população idosa e a afasta de atividades de lazer. Ademais, a falta de iniciativas e espaços destinados ao lazer reforça essa exclusão (Pereira, 2019). Em Cotijuba, onde as práticas culturais compõem as identidades da comunidade, o lazer convencional, refletido no turismo predatório na ilha, contribui para desvalorizar e invisibilizar essas

práticas (Lobato, 2021; Lobato; Bahia, 2023), o que contribui para o isolamento da população idosa em tempos de alta temporada da atividade turística.

Esse afastamento poderia ser agravado caso não houvessem iniciativas que visem integrar a população idosa de forma ativa em atividades de cunho comunitário, social e cultural, a exemplo do que é desenvolvido pelo Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB), por meio do “Projeto Vida e Companhia” (Lobato *et al.*, 2024). Iniciativas como esta, reduzem um ciclo de marginalização social e cultural que afasta, de forma significativa, as oportunidades de acesso ao lazer pela população idosa de Cotijuba.

Para além das barreiras citadas, Souza e Reis (2020) pontuam que as dificuldades enfrentadas pelos idosos de Cotijuba – como a carência educacional, o baixo nível de escolaridade, a renda limitada, a escassez de opções de lazer, de esportes e atividades físicas, juntamente com a falta de saneamento básico, infraestrutura inadequada, insegurança alimentar e sedentarismo – potencializam as vulnerabilidades. Esses fatores, associados a episódios de abandono, violência e falta de afeto, impactam negativamente na qualidade de vida dos idosos da ilha. Tais questões propiciam o surgimento de diversos problemas de saúde física e mental na população idosa de Cotijuba. Destaca-se que essas dificuldades dependem da individualidade de cada pessoa, da exposição a diferentes condições de vida, laborais, renda, vivências, entre outras questões (Souza; Reis, 2020).

Com relação à disponibilidade de espaços de lazer em Cotijuba, conforme o relato dos idosos, 82,46% dos participantes afirmaram haver espaços específicos de lazer na ilha e 17,54% apontaram não. No entanto, 73,69% alegaram que não os frequentam e 54,39% informaram que os espaços não são acessíveis à população idosa (Tabela 6). Nessa perspectiva, os dados sobre a disponibilidade, a frequência e a acessibilidade dos espaços de lazer para idosos em Cotijuba revelam que, embora a maioria dos idosos reconheça que existem espaços de lazer na ilha, é expressivo o número de idosos que não os frequentam. Esse dado indica que tão somente a existência não é suficiente para garantir que os espaços sejam utilizados pela comunidade idosa.

Tabela 6 – Disponibilidade, frequência e acessibilidade de espaços de lazer para idosos em Cotijuba (PA)

Espaços de lazer em Cotijuba		n	%
Existem?	Sim	47	82,46
	Não	10	17,54
Frequentam?	Sim	15	26,31
	Não	42	73,69
São acessíveis?	Sim	19	33,33
	Não	31	54,39
	Mais ou menos	7	12,28

Fonte: Pesquisa de campo (2024).

A diminuta frequência aos espaços de lazer da ilha pode estar associada à acessibilidade, uma vez que um pouco mais da metade dos participantes destacou que os espaços de lazer disponíveis em Cotijuba estão situados na parte considerada central da ilha e, por isso, não são acessíveis a todas as pessoas idosas – a deficiente infraestrutura das vias dentro da ilha, como mostrou a Figura 7, impede muitos idosos de chegar a esses locais. Por outro lado, como retrodito, outra questão relevante envolve o turismo na ilha. A organização de certos espaços para atender especificamente à crescente demanda turística acaba restringindo o acesso dos moradores. Esse processo traz reverberações aos espaços públicos e seus usos, pois, de “[...] lugar da reunião em ato, do encontro, da proximidade entre membros de uma determinada sociedade” (Carlos, 2014, p. 475), muitos passam a ter uso privado, nos quais barreiras simbólicas filtram quem pode deles usufruir.

Na Ilha de Cotijuba, a problemática de acesso democrático ao lazer pelas pessoas idosas, agravada pelas barreiras retrocitadas, torna o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém (MMIB), o principal facilitador de práticas de lazer para essa parcela da população. As atividades promovidas e realizadas dentro da associação, bem como a organização anual de passeios pela ilha, proporcionam ao grupo de idosos a oportunidade de conhecer as praias da ilha e/ou revisitá-las, o que se configura como elementar na promoção da inclusão social da população idosa. Nesse sentido, de certa forma, os passeios pela ilha vão ao encontro dos desejos da maioria dos idosos em realizar atividades turísticas. A Figura 8 mostra

os idosos em um passeio realizado pelo Projeto “Lazer para envelhecer com futuro” e pelo MMIB, em 2024, na Praia de Flexeiras.

Figura 8 – Idosos(as) em um passeio promovido pelo MMIB na Praia de Flexeiras



Fonte: Pesquisa de campo (2024).

Ainda sobre os dados da pesquisa, 100% dos idosos entrevistados consideram que a participação em atividades de lazer contribui para o bem-estar. Essa unanimidade reforça a importância do lazer como um fator basilar para a garantia e/ou manutenção da qualidade de vida dos idosos em contextos rurais. Por outro lado, embora haja esse reconhecimento, a realidade vivenciada pela população idosa de Cotijuba demonstra uma inconsistência entre o valor atribuído ao lazer e o acesso efetivo a ele. Nesse sentido, as barreiras físicas, sociais, financeiras, culturais, entre outras, atreladas à ausência de espaços acessíveis de lazer e a baixa frequência de ida a esses locais, limitam o acesso da pessoa idosa a práticas capazes de incentivar um envelhecimento ativo.



Devolutiva: dia de lazer e recreação na ilha



Ao se considerar que muitas investigações são realizadas em uma perspectiva “vampiresca” ou “sanguessuga”, isto é, coletam dados e quase sempre não geram nenhum tipo de retorno direto às comunidades estudadas, como compromisso acadêmico, ético e social, realizou-se uma devolutiva aos participantes da pesquisa. Para além do lazer, a recreação foi empregada porque “recrear” deriva do latim *recreare* e significa restaurar, renovar, reanimar, segundo Dias e Isayama (2014). A recreação, portanto, compõe um conjunto de atividades que exige engajamento e é capaz de criar experiências de prazer e alegria – a partir da participação ativa das pessoas, da expressão criativa e do fortalecimento dos laços sociais (Dias; Isayama, 2014). Desse modo, ao considerar essas possibilidades em sua utilização, a recreação foi escolhida como uma forma de dar um retorno aos participantes da pesquisa.

Nesse sentido, o projeto “Lazer para envelhecer com futuro”, propôs e operacionalizou a ação ocorreu por meio da apresentação dos resultados da pesquisa, de rodas de conversa, dinâmicas e brincadeiras, as quais proporcionaram momentos de reflexão, diversão, interação social e bem-estar aos idosos, bem como lhes permitiram rememorar suas experiências de lazer no passado. A devolutiva contou, no primeiro dia, com três rodas de conversa sobre temas diversos, a saber: 1) Lazer para envelhecer com futuro; 2) Potocas da *internet*: enganação e golpes contra a pessoa idosa; e 3) Práticas de higiene bucal para fortalecer sorrisos.

No segundo dia, se realizou um “Dia de Lazer e Recreação na ilha”, na Praia das Flecheiras, onde foram operacionalizadas várias brincadeiras e dinâmicas, que buscaram rememorar as vivências de lazer do passado. Para tanto, precedentemente, com a aplicação dos questionários, foi possível identificar quais jogos e brincadeiras os idosos participantes vivenciaram em sua juventude. Assim, todas as atividades recreativas propostas na ação foram realizadas com base nas práticas identificadas na pesquisa. As Figuras 9 e 10 mostram as representações de práticas de lazer que eram realizadas pelos idosos de Cotijuba no passado.

Figura 9 – Idosa reproduzindo uma prática de lazer do passado (pescaria)



Fonte: Registro dos autores (2024).

Figura 10 – Mulher reproduzindo um de lazer do passado (elaboração de farinha)



Fonte: Registro dos autores (2024).

Quanto às atividades recreativas, desde o momento em que estávamos no ônibus a caminho da praia, era evidente o quanto os idosos estavam ansiosos e entusiasmados por um dia de lazer. As atividades, cuidadosamente planejadas e conduzidas pelo animador Acácio Barbosa, tinham como principal objetivo proporcionar uma manhã repleta de vivências lúdicas, assim como promover a integração entre os idosos. As brincadeiras, listadas no Quadro 10, foram selecionadas com base nas experiências que esses idosos vivenciaram durante sua juventude. O foco central era criar um ambiente acolhedor, estimulante e divertido, no qual todos pudessem, considerando suas limitações, participar.

Quadro 10 – Atividades de lazer e recreação de idosos.

Atividade	Materiais	Desenvolvimento	Percepções
1. Música de Boas-vindas	Aparelho de som e microfone	Grupo disposto em pares formando uma roda. A cada estrofe, trocavam de lugar e cumprimentavam novos pares, cantando e integrando-se com abraços e sorrisos.	Satisfatória. Promoveu a integração de todos os presentes após o café da manhã.
2. Gato e Rato	Aparelho de som e microfone	Três voluntários (gata, rato e queijo). O rato precisa pegar o queijo fora da roda, enquanto a gata tenta capturá-lo. O queijo muda de lugar para dificultar.	Positiva. Estimulou a colaboração coletiva e a diversão. Houve participação de todos, inclusive de uma senhora idosa.
3. Comida Brasileira	Nenhum	Jogo de atenção com palmas intercaladas por palavras relacionadas e não relacionadas à comida.	Positiva. Facilitou a participação de idosos que puderam brincar sentados.
4. Bola e Lateralidade	Bola	Participantes em roda lançando a bola. Os que estavam ao lado direito e esquerdo do receptor deveriam agachar ou bater palmas.	Positiva, mas curta. Algumas dificuldades na execução, mas o ritmo acelerado favoreceu a diversão.
5. Trava-língua, Charadas e Sorteios	Prêmios, bola e microfone	Diversas atividades de curta duração, incluindo “passa a bola” e trava-línguas.	Interessante. Os participantes gostaram de ganhar brindes.
6. Rabo do Burro	Tiras de tecido	Em duplas, cada participante tenta retirar o rabo de tecido encaixado na roupa do oponente.	Pouca adesão devido ao alto desgaste físico.

Atividade	Materiais	Desenvolvimento	Percepções
7. Cabo de Guerra	Corda	Participantes divididos em dois grupos puxando a corda em direções opostas.	Adesão parcial. A maioria preferiu assistir, mas houve participação ativa de algumas pessoas, incluindo uma criança.
8. Tema de Novela	Músicas	Músicas de temas de novelas tocadas, e os participantes deveriam adivinhar a novela correspondente.	Gerou adesão, mas algumas dificuldades em identificar as músicas.
9. Brincadeira da Mímica	Aparelho de som e microfone	Participantes dançando e imitando brincadeiras da infância, ao som de músicas recreativas.	Interessante. Permitiu expressões de lazer e memórias dos participantes.
10. Paraquedas	Tecido colorido	Próximo à praia, participantes trocavam de lugar ao levantar uma manta redonda. A atividade foi interrompida pela chuva.	Interessante, porém a chuva comprometeu a conclusão.

Fonte: elaborado por Acácio Barbosa (2024).

Essas atividades recreativas, além de oportunizar momentos de diversão e de sociabilidade, por meio da comicidade das situações inusitadas, possibilitaram aos idosos o exercício de ativação de memória, pois eles precisaram adivinhar charadas, bem como relembrar e representar o que mais gostavam de brincar e/ou se divertir na infância. Acerca dessas práticas revisitadas, convém salientar que a internet, a tevê e sequer a energia elétrica existiam. Dito isso, contatou-se que as dinâmicas temporais que guiavam essas práticas eram outras, quem determinava o início e o fim delas não era o relógio, mas o tempo da natureza.

A seguir, segue um ensaio com os registros fotográficos realizados nos dois dias. Convém destacar que todos os registros foram autorizados pelos participantes e/ou responsáveis.







mmB
movimento de mulheres
das Ilhas de Belém
- SOS

Juliet

Graduation

















Considerações finais e proposições



A pesquisa desenvolvida na Ilha de Cotijuba, no âmbito do projeto “Lazer para envelhecer com futuro em comunidades tradicionais na Amazônia Paraense”, aprovado no 3º Edital Acadêmico de Pesquisa do Itaú Viver Mais em parceria com o Portal do Envelhecimento, revelou um cenário multifacetado sobre as vivências de lazer da pessoa idosa nesse ilha, bem como a sua importância para a promoção da interação social e do envelhecimento saudável. Desse modo, a partir da catalogação das atividades de lazer (no passado e no presente) e da análise das barreiras ao seu acesso enfrentadas, pode-se constatar uma intrínseca relação dessas práticas com o trabalho, a natureza e o modo de vida local.

No concerne ao lazer no passado, vivenciado na infância e na juventude, as práticas de lazer mais comuns entre os idosos incluíam uma diversidade de brincadeiras e jogos, como amarrar latas e andar sobre elas, andar de bicicleta, andar na perna de pau, brincar de bola, casinha, dançar, entre outros jogos. Outras atividades mencionadas foram soltar papagaio, brincar de pião, peteca, pular “macaca”/amarelinha, pular corda e fazer telefone de lata. Além das brincadeiras, os idosos também se engajavam em atividades lúdico-produtivas, como cortar seringa, fazer farinha, mariscar etc. No mais, foram identificadas como vivências de lazer: artesanato, bambolê, costura e crochê, desenho, pintura, festas e ir à praia. Passear, viajar e conversar com familiares e amigos eram outras formas de lazer fruídas pelos participantes.

Nessa época, as vivências de lazer das pessoas idosas de Cotijuba refletiam um modo de vida mais conectado à natureza e à cultura cotidiana. As tarefas cotidianas como pescar e apanhar açaí, por exemplo, não eram apenas meios de ganhar a vida, mas também espaços/tempos de lazer. Esses dados nos permitem inferir que, na juventude, essas pessoas combinavam lazer com trabalho em somente uma prática. Ademais, o lazer era visto enquanto um mediador das relações socioambientais entre humanos e não humanos. As práticas de lazer no espaço/tempo natural, pois, reforçavam os vínculos dessas pessoas com a natureza.

Em relação às práticas de lazer atuais, também se constatou uma diversidade das práticas cotidianas. As atividades identificadas vão desde afazeres domésticos, que garantem a sensação de utilidade e organização do lar, até práticas

que promovem a saúde física e mental, como caminhadas, ciclismo e a participação em grupos de atividades físicas. Eventos sociais como os “Bailes da Saudade” e a participação em cultos religiosos demonstram a importância do convívio social nesse contexto. Atividades como assistir novelas, ouvir música, fazer crochê e interagir com tecnologias, também desempenham um papel significativo na rotina desses idosos, mostrando que as formas de lazer se adaptam às preferências e às possibilidades de cada um. Assim, as vivências atuais de lazer dos idosos de Cotijuba contemplam um conjunto de práticas que atendem tanto às necessidades cotidianas quanto ao desejo de socialização, saúde e bem-estar.

Em relação aos espaços de lazer das pessoas idosas em Cotijuba, os locais nos quais os idosos vivenciam suas práticas de lazer foram classificados em quatro, quais sejam: 1) o ambiente doméstico, devido ao conforto ou à segurança; 2) os locais públicos diversos, onde buscam interações comunitárias e exercícios físicos com outros idosos; 3) o MMIB, no qual podem compartilhar experiências, trocar histórias e apoiar uns aos outros; e 4) a natureza, pois o contato com ela é significativo para uma parcela dos idosos. Tanto as práticas realizadas em casa quanto as vivenciadas ao ar livre refletem a busca por calma, tranquilidade e conexão com a natureza. Esses espaços, portanto, são permeados pelos “tempos lentos” característicos da ilha, e se distanciam dos “tempos rápidos” do centro urbano de Belém.

No que tange à importância do lazer no processo de envelhecimento, evidenciamos que ele, longe de uma perspectiva funcionalista, pode desempenhar um papel basilar na promoção da interação social e do envelhecimento saudável. Por consequência das atividades de lazer, os idosos podem experienciar uma ampla gama de benefícios, que vão desde a satisfação pessoal, o prazer, a distração até a manutenção da saúde física e mental. O lazer, para esse público, também se revela um facilitador de socialização, uma vez que muitas atividades ocorrem em ambientes que incentivam o encontro com outras pessoas, seja em eventos comunitários, atividades físicas em grupo, seja na participação em eventos religiosos. No mais, ele é capaz de conceder propósito e significado às atividades diárias, o que é particularmente importante para manter a autoestima e a

motivação nesta fase da vida. Enfim, o lazer pode apresentar contributos essenciais para um envelhecimento saudável e ativo.

Contudo, a pesquisa também evidenciou os desafios contemporâneos enfrentados por essa comunidade. As mudanças digitais têm transformado substancialmente a forma como as novas gerações experienciam o lazer, o trabalho, os costumes e as tradições locais. Em contextos amazônicos, como o da Ilha de Cotijuba, o acesso demasiado às tecnologias, tanto por crianças, jovens e adolescentes quanto por pessoas idosas, se contrasta com a beleza e simplicidade da vida em meio ao rio e à floresta, nos quais antes aconteciam brincadeiras e outros divertimentos. Desse modo, as histórias, os ensinamentos, os sentidos e os significados culturais do lazer, que eram passados de geração em geração, estão à beira do esquecimento. Afinal, enquanto as práticas tradicionais desaparecem com os mais antigos, o conhecimento associado a elas também se esvai. A cultura lúdica virtual, embora repleta de possibilidades, não substitui o valor das experiências vividas na interação direta com outros seres humanos e não humanos, nem o valor dos saberes dos velhos e das velhas amazônicas.

Quanto às atividades de lazer que a população idosa de Cotijuba gostaria de realizar, mas não consegue ou não pode, a maioria dos desejos está relacionada ao turismo, como viajar, passear, fazer turismo em outros estados e visitar familiares. Esses dados indicam que os idosos têm vontade de sair do ambiente cotidiano e explorar novos lugares ou revisitar locais já conhecidos. No entanto, esses desejos podem ser limitados por barreiras que dificultam a prática de lazer entre a população idosa de Cotijuba. Em grande parte, elas são barreiras financeiras e físicas, tanto de ordem individual, como a diminuição das capacidades físicas e da atuação no mercado de trabalho, quanto de ordem social e contextual, como a falta de espaços adequados e acessíveis para a prática de atividades recreativas.

As iniciativas comunitárias, como as promovidas pelo MMIB, por meio do “Projeto Vida e Companhia”, surgem como alternativas fundamentais para minimizar as barreiras de acesso ao lazer entre as pessoas idosas da ilha. Essas ações têm sido essenciais para valorar vivências de lazer e outras práticas culturais locais entre os idosos de Cotijuba, permitindo-lhes participar de atividades físicas, turísticas, culturais e recreativas dentro da própria ilha. Tais iniciativas

evidenciam que, embora as barreiras ao lazer ainda sejam expressivas, é possível superá-las com ações que levem em consideração as especificidades do envelhecimento, promovendo acessibilidade, inclusão e respeito às particularidades dessa população. O lazer na velhice, sobretudo em contextos insulares como Cotijuba, deve ser entendido como uma necessidade humana e um direito fundamental que contribui para com um envelhecimento e uma longevidade saudáveis.

Ao se considerar que muitos estudos são realizados em uma perspectiva “vampiresca”, isto é, coletam dados e não geram nenhum tipo de retorno às comunidades estudadas, como compromisso ético, acadêmico e social, realizou-se uma devolutiva, aos participantes da pesquisa na Ilha de Cotijuba, denominada “Dia de Lazer e Recreação na Ilha”. Essa devolutiva do projeto de pesquisa “Lazer para envelhecer com futuro” destacou a relevância do lazer e da recreação para os idosos, ao proporcionar momentos de diversão, socialização e ativação da memória. Por meio de rodas de conversa e das atividades na praia, se evidenciou que práticas lúdicas podem estimular a colaboração, a ativação da memória e a diversão, ao lembrar as práticas de lazer vivenciadas no passado. Por fim, a devolutiva demonstrou a importância de criar espaços de lazer e recreação para idosos, pois eles potencializam também o bem-estar físico, mental e social, bem como resgatam brincadeiras tradicionais em desuso e esquecimento.

Diante do exposto, o estudo realizado na Ilha de Cotijuba não apenas catalogou e analisou as vivências de lazer dos idosos, mas também forneceu uma visão ampla dos desafios e oportunidades para a promoção de um envelhecimento saudável em comunidades tradicionais. As práticas de lazer, profundamente conectadas à natureza e à cultura local, são fundamentais para o bem-estar dos idosos e para a preservação da identidade cultural da comunidade. No entanto, as mudanças contemporâneas e as barreiras ao acesso ao lazer exigem uma resposta coordenada e sensível por parte das políticas públicas, para garantir que essas práticas continuem a ser uma parte vital da vida das futuras gerações de idosos na Amazônia Paraense.

Nessa direção, com base nestas conclusões, ensaiamos algumas proposições elementares ao poder público do Município de Belém, a fim de promover um lazer

para envelhecer com futuro entre as pessoas idosas de comunidades tradicionais de Cotijuba e demais ilhas, desde que considerando suas especificidades. As propostas estão centradas no desenvolvimento de políticas públicas específicas que promovam o envelhecimento saudável em áreas rurais, com foco na valorização das práticas de lazer tradicionais e da qualidade de vida das comunidades. As proposições sugeridas são:

1. **Criação de uma unidade da “Casa da Pessoa Idosa” na Ilha de Cotijuba:** criar uma unidade insular para atender as pessoas idosas que vivem nas ilhas de Belém, as quais por vezes não conseguem acessar a unidade continental. Essa unidade iria ofertar na ilha especialidades, como: geriatria, cardiologia, reumatologia, psiquiatria, neurologia, urologia, ortopedia, endocrinologia, dermatologia e gastroenterologia. A criação ajudaria a desafogar a demanda existente na atual “Casa do Idoso”, situada no centro urbano de Belém.
2. **Criação de espaços públicos de lazer acessíveis e adaptados:** desenvolver e manter espaços de lazer públicos na Ilha de Cotijuba e em outras comunidades tradicionais, que sejam acessíveis e adaptados às necessidades físicas da população idosa, inclusive a instalação de bancos, trilhas adequadas, áreas de sombra e equipamentos recreativos que incentivem atividades físicas leves, caminhadas e interação social;
3. **Valorização e preservação de práticas de lazer tradicionais:** implementar programas culturais que valorizem e preservem as práticas de lazer tradicionais, como oficinas de artesanato, dança, música e brincadeiras locais. Essas iniciativas podem ser realizadas em parceria com escolas e associações comunitárias, como o MMIB, garantindo que o saber dos mais velhos seja transmitido às novas gerações;
4. **Promoção de programas intergeracionais de lazer:** desenvolver programas que incentivem a interação entre gerações, como atividades conjuntas entre jovens e idosos. Tais programas podem incluir competições esportivas adaptadas, rodas de conversa sobre histórias e tradições locais e projetos de memória coletiva que envolvam ambas as faixas etárias;

5. **Incentivo à economia local a partir do lazer e do turismo de base comunitária:** apoiar o desenvolvimento de atividades produtivas ligadas ao lazer, como feiras de artesanato, gastronomia local e turismo cultural, que envolvam os idosos e valorizem seus conhecimentos tradicionais. Esse processo pode contribuir para a geração de renda e a valorização das práticas culturais locais que são tidas por eles como lazer;
6. **Inclusão digital com foco na cultura local:** implementar programas de inclusão digital que respeitem e integrem os saberes tradicionais dos idosos. Esses programas devem buscar um equilíbrio entre o acesso às novas tecnologias e a preservação das práticas culturais, promovendo a criação de conteúdos digitais que valorizem a cultura local e as memórias das comunidades;
7. **Promoção de encontros e festivais comunitários:** organizar festivais e encontros comunitários que celebrem as tradições locais, proporcionando aos idosos oportunidades de participar ativamente e de compartilhar seus conhecimentos. Esses eventos podem incluir competições de jogos tradicionais, apresentações artísticas e exposições culturais;
8. **Monitoramento e avaliação contínua:** estabelecer mecanismos de monitoramento e avaliação contínua das políticas e programas implementados, para garantir que atendam às necessidades dos idosos e sejam efetivos na promoção do envelhecimento saudável. Tal monitoramento poderá se estabelecer a partir de pesquisas periódicas e da consulta contínua às comunidades locais.

A implementação dessas proposições pelo poder público devem orientar a criação de programas e projetos de lazer que reforcem a conexão com a natureza e com a cultura local. Elas podem, pois, assegurar que as pessoas idosas em comunidades tradicionais amazônicas possam desfrutar de um envelhecimento saudável, com pleno acesso a práticas de lazer como necessidade humana e direito social constitucional e universal.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, M. C. **O lazer e as relações socioambientais em Belém-Pará**. 1. ed. Belém: Editora do NAEA, 2014.
- BALBÉ, G. P.; BIESDORF, M.; SOUZA, J. C.; SANTOS, L. C.; SHCLEMPER, C. D. S.; WATHIER, C. A. O contexto do ambiente percebido na atividade física de lazer e deslocamento em Idosos. **Licere**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 170 185, 2018.
- BARATA. J. C. L. HAMOY, J. A.; LOBATO, F. H. S.; ALBERTO, D. P. S. Lazer e saúde mental no contexto da pandemia da covid-19: algumas lições aprendidas. **Licere**, Belo Horizonte, 2024 (No prelo).
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BELÉM. **Lei nº 7.682, de 05 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Regionalização Administrativa do Município de Belém, delimitando os respectivos espaços territoriais dos Distritos Administrativos e dá outras previdências. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, [1994].
- BELÉM. **Lei nº 7.768, de 2 de outubro de 1995**. Estabelece normas quanto a circulação de veículos motorizados na ilha de Cotijuba e dá outras providências. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, [1995].
- BELÉM. **Lei nº 8.655, de 30 de julho de 2008**. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de Belém, e dá outras providências. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, [2008].
- BELÉM. **Lei ordinária nº 9.767, de 06 de abril de 2022**. Altera o parágrafo único do artigo 1º da Lei n.º 7.768 de 02 de outubro de 1995, que “Estabelece normas quanto à circulação de veículos motorizados na Ilha de Cotijuba”. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, [2022].
- BELTRÃO, J. F. Brincadeira ou lazer - um olhar antropológico. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 46-60, 2003.
- BORINI, M. L. O.; CINTRA, F. A. Representações sociais da participação em atividades de lazer em grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 55, n. 5, p. 568-574, 2002.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, [2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 14.423, de 22 de julho de 2022.** Altera a Lei nº 10.741/2003, para substituir, em toda a Lei, as expressões “idoso” e “idosos” pelas expressões “pessoa idosa” e “pessoas idosas”, respectivamente. Brasília (DF): Presidência da República, [2022]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BRITO, F. S. L.; PESSOA, F. C. L.; CRISPIM, D.; ROSÁRIO, K. K. L. Uso de indicador hídrico na Ilha de Cotijuba, município de Belém-PA. **REGA – Revista de Gestão de Água da América Latina**, Porto Alegre, v. 17, p. 1-18, 2020.

CAMACHO, A. C. L. F.; COELHO, M. J. Políticas públicas para a saúde do idoso: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 2, p. 279-284, 2010.

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CARDOSO, R. B.; CALDAS, C. P.; BRANDÃO, M. A. G.; SOUZA, P. A.; SANTANA, R. F. Modelo de promoção de envelhecimento saudável referenciado na teoria de Nola Pender. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 75, n. 1, p. e20200373, 2021.

CARLOS, A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP –Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 472-486, 2014.

CÔRTE, B.; LOPES, R. G. C. Apresentação. In: CÔRTE, B.; LOPES, R. G. C. (org.). **Verbetes: Velhices Plurais**. São Paulo: Portal Edições, 2024. p. 1-6.

CRONEMBERGER, G. L.; SOUZA, R. C. Caring for dependent older adults and their caregivers: a challenge for societies. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 1-2, 2023.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: USP; FAPESP, 2012.

DIAS, C.; ISAYAMA, H. D. F. **Organização de atividades de lazer e recreação**. São Paulo: Érica, 2014.

DÓREA, E. L. **Idadismo**: um mal universal pouco percebido. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2020.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FIGUEIREDO, S. L. Espaços de cultura nas cidades: notas sobre o ordenamento, acessibilidade e turistificação. In: FIGUEIREDO, Silvio Lima (org.). **Turismo, Lazer, e Planejamento Urbano e Regional**. Belém: NAEA, 2008. p. 79-92.

FONSECA, I. L.; NÓBREGA, W. R. M. Lazer e terceira idade: um estudo acerca dos espaços e equipamentos públicos no município de Parelhas/RN. **Revista Turismo: Estudos e Práticas**, v. 1, n. 2, p. 61-79, 2012.

FONTES, A.; CÔRTE, B. (Org.). **O QUE É...** Conceitos básicos para entender o envelhecimento. 1. ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento, 2023. v. 1. 61p.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GOMES, C. L. Estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **LICERE – Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-26, 2011.

GOMES, C. L. **Frui Vita**: a alquimia do lazer. Ponta Grossa - PR: Atena Ediora, 2023.

GOMES, C. L. Lazer – Concepções. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 119-125.

GOMES, C. L. Lazer – ocorrência histórica. In: GOMES, C. L. (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 133-141.

GOMES, C. L. **Lazer e trabalho**. 1. ed. Brasília: SESI/DN, 2005.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p.3–20, 2014.

GOMES, G. A. O.; PAPINI, C. B.; NAKAMURA, P. M.; TEIXEIRA, I. P.; KOKUBUN, E. Barreiras para prática de atividade física entre mulheres atendidas na Atenção Básica de Saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 41, p. 263-270, 2019.

GUERRA, G. **Ilhas estuarinas e ocupação humana**. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, 2004.

HADI, S. A.; BAKKER, A. B.; HÄUSSER, J. A. The role of leisure crafting for emotional exhaustion in telework during the COVID-19 pandemic. **Anxiety Stress Coping**, [S. l.], v. 34, n. 5, p. 530-544, 2021.

HUFFNER, J. G. P. **Estudo sobre os impactos do turismo em áreas naturais em processo de urbanização: o caso da ilha de Cotijuba, Belém – PA**. 2011. Dissertação

(Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011.

HUFFNER, J. G. P.; FREITAS, L. L. O ecoturismo da Amazônia e a implantação de circuitos interativos de turismo comunitário na região insular de Belém: o roteiro patrimonial de visitação na Ilha de Cotijuba. In: FROIS, R. et al. (org.). **Lazer, turismo e desenvolvimento regional na Amazônia legal: diálogos interdisciplinares**. 1. ed. Foz do Iguaçu: Efeito Sete, 2021.

INSTITUTO BRAILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

INSTITUTO BRAILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

LIMA, A. P. D.; CARDOSO, F. B. Atividade física de lazer em idosos com diabetes: estudo de base populacional. **Licere**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 1–17, 2019.

LIMA; L. I.; MORAIS, H. A. R. A Importância da educação financeira na prevenção do superendividamento de idosos por empréstimos consignados. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE**, São Paulo, v. 10, n. 8, p. 3366-3380, 2024.

LOBATO, F. H. S. **Matando a fome de lazer “lá no meu setor”**: práticas e sociabilidades na periferia de Belém (PA). 2021. 242 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

LOBATO, F. H. S.; BAHIA, M. C. Disadvantaged communities and leisure: an ethnographic study in the countryside of the Brazilian Amazon. **World Leisure Journal**, Londres, v. 66, n. 52, p. 1-18, 2023.

LOBATO, F. H. S.; BAHIA, M. C. Espaços convencionais de lazer em Belém (PA), entre o centro e a periferia: de que lazer estamos falando e para quem?. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer, [S. l.]**, v. 9, n. 2, p. 111–134, 2022.

LOBATO, F. H. S.; HAMOY, J. A.; BAHIA, M. C. Do Lazer Convencional a Outros Entendimentos e Práticas Na Periferia de Belém (Pará–Brasil): A Educação como Prática Libertadora. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 56, p. e056017-e056017, 2022.

LOBATO, F. H. S.; ROSA, M. Y. O.; MORAIS, A. P. M.; HAMOY, J. A. Do abandono à diversão no envelhecer: o papel do lazer entre pessoas idosas. **Portaldoenvelhecimento.com.br**, São Paulo, 09 jun. 2024. Disponível em: <https://portaldoenvelhecimento.com.br/do-abandono-a-diversao-no-envelhecer-o-papel-do-lazer-entre-pessoas-idosas/>. Acesso em: 03 set. 2024.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MEDEIROS, E. B. **O lazer no planejamento urbano.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MEGUIS, T. R. B. **Rios (em) movimentos:** mobilidades turísticas nas Ilhas do Combu e de Cotijuba – Pará. 2024. 222 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

MELO, O. C. **O lugar e a comunidade na Ilha de Cotijuba-PA.** 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MENIN, V. R.; SILVA, W. K. Influências no estado de ânimo que a recreação pode provocar na terceira idade. **Revista Voos Polidisciplinar**, Guarapuava, v. 18, n. 1, p. 93-111, 2022.

MORI, G.; SILVA, L. F. Lazer na terceira idade: desenvolvimento humano e qualidade de vida. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 950-957, 2010.

NAHUM, V. J. I. *et al.* **Zoneamento econômico e ambiental das ilhas do entorno de Belém.** Belém: Fundação de Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa; Universidade Federal do Pará, 2015.

NASCIMENTO, R. G.; CARDOSO, R. O.; PINTO, D. S.; MAGALHÃES, C. M. C. Por entre pontes e rios: a imersão nos papéis ocupacionais de idosos ribeirinhos amazônicos. **RIBTO**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 9-20, 2019.

NASCIMENTO, R. G.; CARDOSO, R. O.; SANTOS, Z. N. L.; PINTO, D. S.; MAGALHÃES, C. M. C. Percepção de idosos ribeirinhos amazônicos sobre o processo de envelhecimento. **RBGG**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 429-440, 2016.

NASCIMENTO, R. G.; PINTO, D. S.; MAGALHÃES, C. M. C.; CARDOSO, R. O.; CUNHA, K. C.; PIEDADE, A. B. S.; PUGA, G. R. Fragilidade, desempenho cognitivo e sintomas depressivos de idosos ribeirinhos da Amazônia. **Revista Interdisciplinar em Psicologia**, Londrina, v. 12, n. 2, p. 23-37, 2021.

OLIVEIRA, A.; ROSIN, L. Velhices pretas. In: CÔRTE, B.; LOPES, R. G. C. (org.). **Verbetes: Velhices Plurais.** São Paulo: Portal Edições, 2024. p. 40-45.

PALMA, L. T. S.; SCHONS, C. R. (Org.). **Conversando com Nara Costa Rodrigues:** sobre gerontologia social. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2000, p.50-71-72-82.

PARKER, S. **A sociologia do lazer.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PEREIRA, N. S. S. Metropolização e turismo: um estudo sobre a Ilha de Cotijuba, Belém – Pará. **Paper do NAEA**, Belém, v. 28, n. 3, p. 1359-1399, 2019.

PEREIRA, N. S. S.; TAVARES, M. G. C. A questão do turismo em Cotijuba, Belém-PA: mudanças, permanências e (co)existências no cotidiano ilhéu. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 1-17, 2020.

PEREIRA, P. V. V. **Práticas sociais de lazer e suas relações nos espaços públicos Estação das Docas e Ver-O-Rio em Belém – Pará**. 2019, 142 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

PICHLER, N. A.; SCORTEGAGNA, H. M.; DAMETTO, J.; FRIZON, D. M. S.; ZANCANARO, M. P.; OLIVEIRA, T. C. Reflections on the perception of the elderly regarding happiness and money. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 1-9, 2019.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2013.

REQUIXA, R. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

RIBEIRO, C. C.; NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. Semantic-cultural validation and internal consistency analysis of the Purpose in Life Scale for Brazilian older adults. **Dementia & Neuropsychologia**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 244-249, 2018.

RODRIGUES, Á. F. A. C. **Os espaços insulares de Belém: usos e consumos da natureza na Amazônia metropolitana e suas contradições socioespaciais**. 2024. 512 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2024.

SANTOS, A. F. **Paisagem e patrimônio natural na percepção das populações tradicionais e da dinâmica costeira na Praia do Vai Quem Quer, Ilha de Cotijuba, Belém – Pará**. 2022. 21 f. Monografia (Especialização em Geografia e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2022.

SANTOS, M. O tempo nas cidades. **Ciência e cultura**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 21-22, 2002.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova – da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. 6. ed. São Paulo: EdUSP, 2004.

SCHWARTZ, G. M. Lazer virtual 20 anos depois: homo zappiens e metalazer na pós-humanidade. **Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 7, n. 2, p. 105-113, 2023.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual: contemporizando Dumazedier. **Licere**, Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23-31, 2003.

SEABRA, A. C. S. Arqueologia da arquitetura em uma ilha Amazônica: o Educandário Dr. Nogueira de Faria. **VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 48-73, 2020.

SEABRA, A. C. S. **Arquitetura disciplinar na Amazônia**: o Educandário Dr. Nogueira de Faria – Ilha de Cotijuba – Belém – Pará. 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. K.; ALMEIDA, A. S.; GAMA, L. H. O. M. Ilhas ameaçadas com o desflorestamento: análise da fragmentação florestal da ilha de Cotijuba, Belém, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais**, Belém, v. 16, n. 2. P. 203-213, 2021.

SILVA, I. D. **Massificação do lazer em áreas naturais amazônicas e suas repercussões ambientais**: o caso da Ilha de Cotijuba em Belém. 2001. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

SILVA, K. J. B. **Barreiras percebidas à prática de atividade física e sua relação com fatores sociodemográficos, ambientais e comportamentais em idosos**. 2023. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos e Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

SILVA, T. A.; KUSHANO, E. S.; ÁVILA, M. A. Segmentação de mercado: uma abordagem sobre o turismo em diferentes faixas etárias. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 105-114, 2008.

SOUZA, R. C. B.; REIS, R. G. Políticas públicas de esporte, cultura e lazer *versus* Inatividade física: uma análise em idosos da ilha de Cotijuba/PA. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 9, p. 68671-68692, 2020.

SOUZA, T. C.; MATOS, L. S. Um estudo do lazer a partir das reflexões e vivências dos idosos do centro de convivência da terceira idade Zoé Gueiros, Belém-PA. **Revista Sentidos da Cultura**, Belém, v. 3, n. 3, p. 58-73, 2015.

TELES, M. M. R. A (in)visibilidade das práticas de lazer do idoso nos espaços livres mantidos pelo poder público de Porto Nacional - TO. 2019. 153f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

TRINDADE-JÚNIOR, S-C. C. **A cidade dispersa:** os novos espaços de assentamento em Belém e a reestruturação metropolitana. 1998. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS



PORTAL DO ENVELHECIMENTO E LONGEVIVER PROJETO DE PESQUISA “LAZER PARA ENVELHECER COM FUTURO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS NA AMAZÔNIA PARAENSE”

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Prezado(a) participante,

Por favor, responda às seguintes perguntas com sinceridade. Suas respostas serão confidenciais e anônimas.

Não existe resposta CERTA ou ERRADA, queremos apenas saber a sua opinião e aprender com você.

IDENTIFICAÇÃO					
Questionário nº:		Entrevistador:			Data: / /
País: Brasil	Estado: Pará	Cidade: Belém	Localidade: Cotijuba	Bairro ou Praia:	
Início da entrevista: _____ (hh:mm)			Fim da entrevista: _____ (hh:mm)		

I – PERFIL SOCIOECONÔMICO				
1. Gênero: (<input type="checkbox"/>) Masculino (<input type="checkbox"/>) Feminino (<input type="checkbox"/>) Outro 2. Idade: _____.				
3. Escolaridade: (<input type="checkbox"/>) Analfabeto(a) (<input type="checkbox"/>) Alfabetizado (<input type="checkbox"/>) Ensino Fundamental (incompleto ou cursando) (<input type="checkbox"/>) Ensino Fundamental Completo (<input type="checkbox"/>) Ensino Médio (incompleto ou cursando) (<input type="checkbox"/>) Ensino Médio Completo (<input type="checkbox"/>) Superior (incompleto ou cursando) (<input type="checkbox"/>) Superior completo (<input type="checkbox"/>) Pós-Graduação				
4. Autodeclaração: (<input type="checkbox"/>) Branca (<input type="checkbox"/>) Preto (<input type="checkbox"/>) Pardo (<input type="checkbox"/>) Amarela (<input type="checkbox"/>) Indígena (<input type="checkbox"/>) Outro: _____				
5. Ocupação: (<input type="checkbox"/>) Estudante (<input type="checkbox"/>) Autônomo(a) (<input type="checkbox"/>) Emprego privado (<input type="checkbox"/>) Empregado/Servidor público (<input type="checkbox"/>) Aposentado(a) (<input type="checkbox"/>) Desempregado(a)				
6. Religião: (<input type="checkbox"/>) Evangélica (<input type="checkbox"/>) Católica (<input type="checkbox"/>) Candomblé ou outras religiões afro-brasileiras (<input type="checkbox"/>) Espírita (<input type="checkbox"/>) Judaica (<input type="checkbox"/>) Outra(s): _____				

- () Não possui religião () Ateu/Não acredita em Deus
- 7. Estado civil:** () Solteiro(a) () Casado(a) () União estável
 () Separado(a) () Divorciado(a) () Viúvo(a)
- 8. PCD:** () Não () Sim, qual: _____.
- 9. Tempo de residência na ilha:** _____.

II – VIVÊNCIAS DE LAZER DO/NO PASSADO

- 10. QUANDO VOCÊ ERA MAIS NOVO(A), o que você mais GOSTAVA de fazer na sua vida cotidiana?**

Tipos de atividade	Listar atividades
() Físicas	
() Manuais	
() Intelectuais	
() Artísticas	
() Sociais	
() Turísticas	
() Virtuais	

- 11. O que você BUSCAVA ao realizar essas atividades?**

- 12. Onde você COSTUMAVA realizar essas atividades?** () Em casa () No trabalho () Na rua/Em locais públicos () Na mata () No rio/praias
 () Outro(s): _____

- 13. Para você, essas atividades ERAM CONSIDERADAS lazer?**

- () Sim () Não () Talvez 14. Por que?

III – VIVÊNCIAS DE LAZER NOS DIAS ATUAIS

15. HOJE EM DIA, o que você mais gosta de fazer na sua vida cotidiana?

Tipos de atividade	Listar atividades
(<input type="checkbox"/>) Físicas	
(<input type="checkbox"/>) Manuais	
(<input type="checkbox"/>) Intelectuais	
(<input type="checkbox"/>) Artísticas	
(<input type="checkbox"/>) Sociais	
(<input type="checkbox"/>) Turísticas	
(<input type="checkbox"/>) Virtuais	

16. HOJE, o que você busca ao realizar essas atividades?

17. HOJE, onde você costuma realizar essas atividades? () Em casa () No trabalho () Na rua/Em locais públicos () Na mata () No rio/praias
 () Outro(s): _____

18. Para você, essas atividades podem ser consideradas lazer?

() Sim () Não () Talvez 19. Por que?

IV – VIVÊNCIAS DE LAZER QUE GOSTARIAM DE TER

20. O que você GOSTARIA muito de fazer na sua vida cotidiana, mas não consegue ou não pode fazer?

Tipos de atividade	Listar atividades
(<input type="checkbox"/>) Físicas	

(<input type="checkbox"/>) Manuais	
(<input type="checkbox"/>) Intelectuais	
(<input type="checkbox"/>) Artísticas	
(<input type="checkbox"/>) Sociais	
(<input type="checkbox"/>) Turísticas	
(<input type="checkbox"/>) Virtuais	

21. O que você BUSCARIA ao realizar essas atividades?

22. Para você, essas atividades podem ser consideradas lazer?

() Sim () Não () Talvez **23. Por que?**

V – BARREIRAS QUE INVIAZILIZAM VIVÊNCIAS DE LAZER

24. Considerando as atividades que você disse que gostaria de fazer, por quais razões/motivos você não faz, não consegue ou pode realizar?

25. Com base na questão anterior, PESQUISADOR(A), identifique as barreiras que inviabilizam o lazer entre os(as) idosos(as) das comunidades de Ilha de Cotijuba a seguir:

Tipos de barreira	Descrição	SIM	NÃO
Barreiras físicas	Falta de infraestrutura adequada, acessibilidade limitada, etc.		

Barreiras sociais	Falta de apoio familiar, discriminação, etc.		
Barreiras financeiras	Falta de recursos para participar de certas atividades, etc.)		
Barreiras culturais	Normas/convenções sociais, costumes culturais que desencorajam a participação em certas atividades, etc.		
Outras barreiras	Outros tipos de barreira que possam surgir		

26. Para você, o que é lazer?

27. Existem espaços de lazer aqui na Ilha? () Sim () Não

28. Se SIM, você os frequenta? () Sim () Não

**29. Esses espaços são acessíveis para todas as pessoas idosas? () Sim
() Não () Mais ou menos**

30. Se sim, cite os espaços de lazer presentes aqui na ilha?

31. O que você acha que pode melhorar o lazer dos/as idosos/as aqui na ilha?

32. A participação em atividades de lazer contribui ou não para sua saúde e bem-estar? () Sim () Não

33. Se sim, por quê?

34. A pandemia de COVID-19 afetou sua participação em atividades de lazer na ilha?

() Sim () Não

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“Lazer para envelhecer com futuro em comunidades tradicionais na Amazônia paraense”**. O pesquisador responsável por essa pesquisa é Flavio Henrique Souza Lobato, que pode ser contato no telefone: (91) 98096-6439 e E-mail: flaviohslobato@gmail.com. A orientação está sob responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Mirleide Chaar Bahia, que pode ser contata no telefone (91) 98141-1090 e E-mail: mirleidebahia@gmail.com.

Será realizada a aplicação de um questionário tendo como objetivo geral conhecer as vivências de lazer da pessoa idosa em Comunidades Tradicionais na Amazônia Paraense (na Ilha de Cotijuba) e a sua importância para a promoção da interação social e do envelhecimento saudável.

Graduados como “Risco Mínimo”, os **riscos** destes procedimentos serão: A **“Invasão de privacidade”**, sendo importante que o sigilo em relação às respostas seja garantido, sempre esclarecendo ao participante que os dados serão utilizados exclusivamente para fins técnico-científicos, nesse caso, para a construção Relatório Final da Pesquisa e, posteriormente, para a submissão e possível publicação em revista científica. Ademais, deve haver a garantia de que o ambiente utilizado para a obtenção de dados proporcione privacidade durante o período de coleta de dados, bem como que a abordagem utilizada acolha o participante e que as informações sejam apenas relacionadas ao conteúdo da pesquisa. Em relação a **“Divulgação de dados confidenciais”**, será assegurada a confidencialidade e a privacidade do participante da pesquisa, assim como a proteção da imagem e a não estigmatização da mesma, a fim de que as informações não sejam utilizadas em prejuízo das pessoas e/ou de comunidades (autoestima ou condições socioeconômicas). Dessa forma, será garantido o sigilo dos dados fornecidos e coletados, em que, como compromisso do pesquisador, os nomes dos participantes, as suas iniciais e/ou qualquer informação que permita uma possível identificação

individual não serão publicados. Um fator de risco pertinente é o “**Incômodo do participante em relação ao tempo para responder o questionário**”, em que será garantida, por meio de consentimento prévio, pela simples vontade e/ou necessidade a interrupção do preenchimento do questionário e não validação do mesmo caso ocorra a desistência de participação na pesquisa. Para mais, a abordagem, que ocorrerá presencialmente, deverá ser cautelosa e respeitando os “**Valores culturais e de crença**” dos participantes da pesquisa, promovendo, também, a privacidade e tornando a coleta de dados tranquila e segura.

O participante terá acesso ao conteúdo do questionário (tópicos abordados) antes de começar, ou não, a responder as perguntas, a fim de que uma decisão seja tomada. No entanto, os participantes só terão acesso às perguntas do questionário após o consentimento por meio do TCLE.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores Flávio Henrique Souza Lobato, Matheus Yuri de Oliveira Rosa, Ana Paula Melo de Moraes, Juliana Azevedo Hamoy e Mirleide Chaar Bahia.

Todas as despesas decorrentes de sua participação nesta pesquisa, caso haja, serão ressarcidas. Danos decorrentes da pesquisa serão indenizados.

Você/Sr./Sra. poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento.

Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na elaboração de produtos técnico-científicos, aos quais você poderá ter acesso. A sua privacidade será mantida por meio da não-identificação do seu nome:

() Permite a minha identificação e uso de imagem nos resultados publicados da pesquisa;

() Não permite a minha identificação e uso de imagem nos resultados publicados da pesquisa. **(O(a) participante tem plena liberdade para não aceitar).**

Todos os registros da pesquisa estarão sob a guarda do pesquisador responsável, em lugar seguro de violação, pelo período mínimo de 05 (cinco) anos, após esse prazo serão destruídos.

Este termo de consentimento livre e esclarecido possui 01 (uma) página e é feito em 02 (duas) vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o participante da pesquisa.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do Instituto de Ciências da Saúde (ICS), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Este é formado por um grupo de especialistas que objetivam defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, o que contribui para que os padrões éticos sejam seguidos na realização da pesquisa. O endereço e o contato são: Rua Augusto Corrêa, nº 1, Campus do Guamá. UFPA, Faculdade de Enfermagem do ICS, sala 13, 2º andar. CEP: 66.075-110, Belém, Pará. Telefone: (91) 3201-7735. E-mail: cepccs@ufpa.br.

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM E TEXTO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM, SOM E TEXTO

Eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, residente à Ilha de Cotijuba, no município de Belém (PA), **AUTORIZO** o uso de imagem e texto em todo e qualquer material, conhecimento a ser disseminado gratuitamente nas redes sociais do Portal do Envelhecimento e Longeviver. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional.

Autorizo a captação e uso de minha imagem e voz, nos termos do artigo 7º, inciso I da Lei nº 13.709/2018 (LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados), para ser utilizada pelo Portal do Envelhecimento e Longeviver, inscrito sob CNPJ nº 19.714.162/0001-10, – destinada à divulgação ao público em geral –, bem como pelos seus parceiros públicos e privados, desde que não haja desvirtuamento da sua finalidade. Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo os usos acima descritos sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos aos dados/imagens e voz. Tenho ciência do direito de optar pela anonimização, bloqueio, retificação ou eliminação de dados desnecessários, excessivos ou tratados em desconformidade com a LGPD.

Este termo serve para atendimento aos requisitos da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados).

Assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de ____ de ____.

(Assinatura)

APÊNDICE D – ATIVIDADES EXECUTADAS

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	MÊS	ESTÁGIO
Atividade 1 -	Criação de MEI e pagamento de despesas fiscais. Atividade 4 - Reajustes no projeto a pedido do Portal do Envelhecimento.	Fevereiro	✓
Atividade 2 -	Reajustes no projeto a pedido do CEP.	Fevereiro	✓
Atividade 3 -	Entrega de relatórios e <i>workshops</i> : 26/02.	Fevereiro	✓
Atividade 4 -	Reajustes no projeto a pedido do Portal do Envelhecimento.	Fevereiro	✓
Atividade 5 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 04/03.	Março	✓
Atividade 6 -	Reunião com a equipe e reafirmação da atribuição de responsabilidades.	Março	✓
Atividade 7 -	Levantamento e Revisão bibliográfica.	Março	✓
Atividade 8 -	Elaboração do instrumento de coleta de dados (Questionário).	Março	✓
Atividade 9 -	Acompanhamento do CEP e realização de novos possíveis ajustes.	Março	✓
Atividade 10 -	Realização de contatos (Telefone/WhatsApp) com representações ou lideranças da ilha.	Março	✓
Atividade 11 -	Visita à ilha e apresentação do projeto às representações ou lideranças.	Março	✓
Atividade 12 -	Planejamento para primeira ida à ilha de Cotijuba.	Março	✓
Atividade 13 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 01/04.	Abril	✓
Atividade 14 -	Pesquisa: aplicação do TCLE e dos questionários, observação direta e registros fotográficos.	Abril	✓
Atividade 15 -	Sistematização, análise e interpretação dos dados coletados.	Abril	✓
Atividade 16 -	Submissão do trabalho para o congresso OTIUM (Produto 6).	Abril	✓
Atividade 17 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 06/05.	Maio	✓
Atividade 18 -	Devolutiva Preliminar à comunidade (Produto Técnico Categoria C - Produto 8).	Maio	✓

Atividade 19 -	“Dia de Lazer na Ilha” (Produto Técnico Categoria C - Produto 8).	Maio	✓
Atividade 20 -	Produção do vídeo (Produto 5).	Maio	✓
Atividade 21 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 27/05.	Maio	✓
Atividade 22 -	Entrega do vídeo (Produto 5).	Junho	✓
Atividade 23 -	Entrega dos resultados da pesquisa ao Poder Público (Produto Técnico Categoria C - Produto 8).	Junho	✓
Atividade 24 -	Elaboração e entrega do artigo para site/blog (Produto 3).	Junho	✓
Atividade 25 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 01/07.	Julho	✓
Atividade 26 -	Escrita em andamento do artigo científico para revista Qualis B1+ (Produto 7).	Julho	✓
Atividade 27 -	Escrita em andamento do capítulo para livro (Produto 4).	Julho	✓
Atividade 28 -	Escrita e revisão do artigo para revista de divulgação (Produto 2).	Julho	✓
Atividade 29 -	Entrega do artigo para revista de divulgação (Produto 2): 02/08	Agosto	✓
Atividade 30 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 05/08.	Agosto	✓
Atividade 31 -	Revisão do artigo científico para revista Qualis B1+ (Produto 7).	Agosto	✓
Atividade 32 -	Revisão do capítulo para livro (Produto 4).	Agosto	✓
Atividade 33 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 02/09.	Setembro	✓
Atividade 34 -	Apresentação do trabalho para o Congresso OTIUM (Produto 6).	Setembro	✓
Atividade 35 -	Submissão do artigo científico para revista Qualis B1+ (Produto 7).	Setembro	✓
Atividade 36 -	Preparação e envio da apresentação dos resultados da pesquisa no congresso internacional (Produto 1).	Setembro	✓
Atividade 37 -	Apresentação dos resultados da pesquisa no “VI Longevidade Expo Fórum” (29/09 a 01/10) (Produto 1).	Setembro / Outubro	0

Atividade 38 -	Reunião e Entrega de relatórios (manhã ou tarde): 07/10/2024.	Outubro	O
Atividade 39 -	Entrega de Capítulo para o e-book pelo Portal do Envelhecimento (Produto 4).	Setembro	✓
Atividade 40 -	Finalização e entrega do relatório final e dos produtos anexados.	Outubro	O
Legenda: ✓ – Cumprida X – Não cumprida O – Em andamento.			

APÊNDICE E – PRODUTOS GERADOS

Produtos	Abordagem	Entrega
Produto 1 - Evento acadêmico	Lazer para envelhecer com futuro em Comunidades Tradicionais na Amazônia Paraense	30/09 e 01/10/2024
Produto 2 - Divulgação	Vivências de lazer do passado de pessoas 60+ da Ilha de Cotijuba (Belém, PA)	02/08/2024
Produto 3 - Site/blog	Do abandono à diversão no envelhecer: o lazer papel do lazer entre pessoas idosas	30/06/2024
Produto 4 - Capítulo	Lazer e envelhecimento: desejos e barreiras entre a população idosa da Ilha de Cotijuba (Belém, PA)	18/09/2024
Produto 5 - Vídeo	Lazer para envelhecer com futuro na Amazônia Paraense	08/08/2024
Produto 6 - Congresso internacional	Espaços/Tempos de lazer entre pessoas idosas da Ilha de Cotijuba (PA)	18/06/2024
Produto 7 - Artigo B1+	Lazer no envelhecer: práticas e espaços vivenciados por pessoas idosas da Ilha de Cotijuba, Belém (PA)	28/08/2024
Produto 8 - Produto técnico	Devolutiva dos resultados da pesquisa aos participantes e às gestões responsáveis pela ilha, bem como a operacionalização do “Dia de Lazer na Ilha”	12/09 a 26/09/2024
Produto 9 - Congresso nacional	Lazer e recreação com idosos na ilha: um relato de experiência em Cotijuba (PA)	14/07/2024
Produto 10 - Banner	Dia de lazer e recreação com pessoas idosas: um relato de experiência da devolutiva na Ilha de Cotijuba-Pará	04/08/2024

SOBRE OS(AS) AUTORES(AS)

Flavio Henrique Souza Lobato

Doutorando e Mestre em Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Função: Coordenador do Projeto de Pesquisa.

Contribuição: Responsável pela concepção, desenvolvimento e coordenação geral do projeto. Atuou na elaboração e aplicação de instrumentos de coleta de dados, na análise de resultados e na produção dos relatórios e dos produtos.

E-mail: flaviohslobato@gmail.com

 **Lattes iD:** <http://lattes.cnpq.br/3350231295614037>

 **Orcid iD:** <https://orcid.org/0000-0001-9368-2650>

Matheus Yuri de Oliveira Rosa

Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos (PPGCTA) pela Universidade Federal do Pará (UFPA), e Graduado em Tecnologia de Alimentos pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Pesquisador Auxiliar do Projeto de pesquisa “Lazer para envelhecer com futuro em comunidades tradicionais da Amazônia Paraense”.

Função: Assistente de Pesquisa.

Contribuição: Auxiliou em todas as etapas da pesquisa, colaborando na aplicação de questionários, observação participante e registro fotográfico. Também atuou na organização e análise dos dados, na produção dos relatórios e dos produtos.

E-mail: matheusyurid@gmail.com

 **Lattes iD:** <http://lattes.cnpq.br/5149857702747152>

 **Orcid iD:** <https://orcid.org/0000-0003-1163-8985>

Ana Paula Melo de Moraes

Doutoranda e Mestra em Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora Auxiliar do Projeto de pesquisa “Lazer para envelhecer com futuro em comunidades tradicionais da Amazônia Paraense”.

Função: Assistente de Pesquisa.

Contribuição: Auxiliou em todas as etapas da pesquisa, colaborando na aplicação de questionários, observação participante e registro fotográfico. Também atuou na organização e análise dos dados, na produção dos relatórios e dos produtos.

E-mail: paulamelmor@hotmail.com

 **Lattes iD:** <http://lattes.cnpq.br/7030720814204493>

 **Orcid iD:** <https://orcid.org/0000-0003-0911-0014>

Juliana Azevedo Hamoy

Doutora em Desenvolvimento Socioambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pesquisadora Auxiliar do Projeto de pesquisa “Lazer para envelhecer com futuro em comunidades tradicionais da Amazônia Paraense”.

Função: Assistente de Pesquisa.

Contribuição: Auxiliou em todas as etapas da pesquisa, colaborando na aplicação de questionários, observação participante e registro fotográfico. Também atuou na organização e análise dos dados, na produção dos relatórios e dos produtos.

E-mail: julianahamoy@gmail.com

 **Lattes iD:** <http://lattes.cnpq.br/9801626350889160>

 **Orcid iD:** <https://orcid.org/0000-0003-2035-1185>

Mirleide Chaar Bahia

Doutora em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental, pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atualmente é Professora/Pesquisadora no PPGDSTU/NAEA/UFPA; Editora da Revista Novos Cadernos NAEA; Diretora-Adjunta do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA); e Líder do Grupo de Pesquisas em Lazer, Ambiente e Sociedade (GPLAS). Pesquisadora Auxiliar do Projeto de pesquisa “Lazer para envelhecer com futuro em comunidades tradicionais da Amazônia Paraense”.

Função: Pesquisadora Auxiliar.

Contribuição: Responsável por orientações, direcionamentos, análise de resultados, produção dos relatórios e dos produtos, bem como revisões dos materiais/produtos.

E-mail: mirleidebahia@gmail.com

 **Lattes iD:** <http://lattes.cnpq.br/6052323981745384>

 **Orcid iD:** <https://orcid.org/0000-0001-7168-2019>

